

Sérgio Pereira Couto



# OS SEGREDO

**E OS SEGREDOS DO NAZISMO**  
**VOL.1**



# APRESENTAÇÃO

# S

etenta anos após o início do maior conflito armado da história, que resultou na morte de cerca de cinquenta milhões de pessoas de diferentes nacionalidades, o mundo ainda se pergunta, abismado, por quê...

Entendê-lo, se faz primordial por sua magnitude e é impossível sem conhecer à fundo, todo o pensamento ideológico que acabou gerando a Segunda Guerra e, em particular, o Nazismo, que foi capaz de conduzir milhões de pessoas a total insanidade, se colocando acima de outros da mesma espécie e promovendo um dos mais tristes momentos da raça humana.

Nesta coleção, formada por dois conceituados livros sobre o assunto, "Dossie Hitler" e "Os Segredos do Nazismo", o experiente jornalista Sérgio Pereira Couto, mostra um trabalho de anos de pesquisa, trazendo à tona todos os episódios que cercaram a ascensão e queda de Adolf Hitler e de sua ideologia.

O primeiro volume mostrará como um obscuro soldado austríaco conseguiu manipular uma opinião pública inteligente e culta, e se tornar um dos maiores líderes de todos os tempos, como conduziu todo o mundo a uma sangrenta disputa armada, fez com que milhares aceitassem a ideia de extinguir uma raça inteira - no caso, a judia.

Informações surpreendentes sobre a personalidade do ditador, juntamente com uma análise de diversas passagens históricas, são apresentadas para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões sobre o que levou o mundo a um dos mais vergonhosos períodos da história e,

mais do que isso, dizer não a qualquer movimento baseado na crença da superioridade de um povo sobre o outro e de que era possível construir uma ordem mundial, sob jugo da suástica.

# CAPÍTULO 1

# PRIMEIROS PASSOS

O

leitor deve pensar: qual seria o verdadeiro motivo de montarmos outra biografia desse homem tão odiado? É simples: há biografias boas e ruins, mas nenhuma delas é considerada completa. Nosso intento foi oferecer o quadro mais completo possível. Não se trata, em absoluto, de uma tentativa de exaltar o líder nazista ou seus feitos, mas sim de oferecer um exame histórico sobre o assunto que continua sendo um tabu para muitas pessoas, inclusive no Brasil, embora tenham se passado mais de 60 anos desde a II Guerra Mundial.

Para aqueles que conseguem pensar claramente, verão que falar sobre o Führer alemão é um assunto, no mínimo, curioso. Afinal, como um obscuro soldado austríaco conseguiu manipular a opinião pública alemã com tanta persuasão, como se vê nos filmes da época? Para responder a esta pergunta, é necessário conhecer um pouco dos fatores que provocaram a ascensão ao poder dos nazistas, que vão muito além de simples orgulho ferido pela derrota na 1 Guerra Mundial.

Muitas teorias foram levantadas durante todos esses anos para explicar o sucesso do nazismo, mas nenhuma delas foi conclusiva. A própria morte de Hitler está envolta em mistério e tornou-se material para as teorias de conspiração que fazem a festa dos paranoicos de plantão. Tudo será analisado ao longo deste trabalho e as conclusões ficarão por conta do

leitor.

O século XX foi um dos mais sangrentos da história da humanidade. O movimento nazista tornou-se parte tão integrante dele que é praticamente impossível analisar o período sem tocar nesse assunto. Por isso, precisamos, antes de mais nada, entender como o mito Hitler nasceu e recebeu suas influências. E para isso, vamos começar nosso trabalho falando dos primeiros anos de sua vida.

Braunau am Inn é um pequeno município no norte da Áustria, que fica a 60 quilômetros ao norte de Salzburgo, próximo à fronteira alemã. Essa cidade situa-se à beira do rio Inn, colada ao Land alemão da Baviera. Na outra margem desse rio, fica a cidade alemã de Simbach am Inn, que se liga à anterior por uma ponte.

Naquela época Braunau (a forma mais simplificada do nome) era parte do Império Austro-Húngaro. Vale lembrar para os leitores que a Áustria-Hungria foi um Estado europeu, sucessor do Império Habsburgo, também conhecido como Império Austríaco. Foi criado em 1867 quando uma espécie de "pacto" foi estabelecido entre as nobrezas austríaca e húngara. Só foi extinto em 1918, ao término da 1ª Guerra Mundial, de acordo com normas e exigências impostas pelo famigerado Tratado de Versailes, do qual falaremos mais adiante neste livro. Até sua dissolução, o império contava com uma área equivalente a mais de 677 mil km<sup>2</sup> e possuía uma população estimada em 52,5 milhões de habitantes. Estes dados são importantes de serem lembrados para entender como houve essa aproximação entre Áustria e Alemanha que resultou na ascensão do nazismo anos mais tarde.

Foi naquela cidadezinha que Hitler nasceu em 20 de abril de 1889, filho de Klara Pölzl, de 28 anos, com Alois Hitler, que tinha mais de 50 anos e estava prestes a se aposentar. Alois Hitler era um filho ilegítimo que ganhava a vida como funcionário da alfândega. Alois usou o sobrenome de



sua mãe, Schicklgruber, até os 40 anos, só assumindo o nome original de seu pai adotivo, Johann Georg Hiedler, em 1876. O sobrenome "Hitler" nasceria do erro de um escrivão, que o registrou após a morte de Johann, quando Alois entrou com um pedido para "reconhecimento de paternidade". Esse fato seria usado por inimigos políticos internos e aliados durante a II Guerra para desacreditar Hitler. De fato, há registros de que os aliados lançaram panfletos em várias cidades alemãs com a frase Heil Schicklgruber, fazendo referência a esse fato para desacreditar o Führer, embora ele fosse mesmo ligado à família citada por parte da mãe.

Se houve, mesmo, alguém que exerceu uma pesada influência sobre o ditador foi sua mãe. Klara Pölzl era prima em segundo grau de seu pai. A primeira esposa de Alois, chamada Anna Glasl-Horer, era 13 anos mais velha que ele. Quando os dois se casaram, ela já se encontrava seriamente doente. Algum tempo depois, a primeira sra. Hitler morre e Alois resolve se casar com a cozeira de sua casa, Franciska Matzelberger. Os biógrafos de Hitler ressaltam o fato de que Alois e Franciska já tinham um caso quando a primeira esposa ainda era viva e muitos apostam que Klara também já tinha um caso com ele nesse período. Franciska, claro, quis se livrar de Klara, que Alois trouxera para cuidar de seus filhos, e a via como concorrente ao amor do marido, mas ela contraiu tuberculose e teve de se tratar em outra cidade. É claro que o novo casal não deixou por menos e se dedicou a recuperar o tempo perdido.

Franciska morreu e assim Alois e Klara oficializaram o casamento em 1885, depois de pedirem para o bispo local uma permissão especial, já que eram parentes consanguíneos. Tiveram de esperar um resultado de Roma, que aprovou a união. E em cima da hora, pois ela já estava grávida. Dos seis filhos dessa união, apenas Adolf, o quarto, e Paula, sua irmã mais nova, chegaram à idade adulta.

## O PAI

O emprego como inspetor-chefe num escritório alfandegário exigia muito de Alois. Viagens eram constantes e mudar de endereço logo se tornou um hábito para sua família. Assim, durante a década de 1890, a família Hitler saiu de Braunau e passou por Halfeld, Fischlham, Lambach e Leonding, todos eles vilarejos localizados em Linz, importante região industrial na alta Áustria.

Adolf lembrou a carreira de Alois várias vezes, inclusive em sua biografia, mas sempre deixou claro que nunca pensou em seguir o mesmo caminho do pai. O que parece uma espécie de contradição, pois, ao mesmo tempo em que relembra o progenitor, deixava claro que não gostava dele. Os biógrafos arriscam o palpite de que a disciplina rígida e severa foi o motivo pelo qual o ditador nunca gostou de seu pai. Apesar de respeitá-lo profundamente, mantém o hábito de discutir por vários motivos, incluindo posição política. O principal ponto de discórdia entre os dois era a intenção que Adolf manifestara de se tornar pintor, decisão que Alois deixava claro ser completamente contra e que preferia que o filho seguisse carreira pública como ele. Um esforço até certo ponto que só servia para desgastar as relações familiares, já que as decisões de Alois eram incontestáveis.

Há historiadores que arriscam dizer que a relação de Adolf com o pai, tido como um tirano e que impunha a lei e a ordem sob a forma de castigos físicos, teria ajudado a construir o exterior duro que o futuro ditador exibiu durante toda a sua vida. De fato, há relatos históricos de que Adolf teria levado muitas surras e de modo frequente. A história do jovem Hitler é citada em vários estudos de psicologia como um exemplo de até onde podem os pais ir ao empregarem a chamada "educação destrutiva" em seus filhos.

O próprio Hitler lembrou que sua maior discussão com o pai foi quando anunciou que queria ser pintor. Isso aconteceu quando ele tinha apenas 11 anos e causou um verdadeiro rebuliço na mente do conservador Alois, que se opôs imediatamente à ideia. Curiosamente, Adolf nunca citou as

agressões físicas, mas deixou claro que o relacionamento "pai e filho" havia se deteriorado muito a partir desse dia. O futuro ditador, contrariado pelas imposições do pai, sentiria o efeito psicológico disso muito rapidamente, quando se desinteressou definitivamente pelo estudo de qualquer coisa que não estivesse ligada diretamente às artes. Conforme ele mesmo relata no primeiro capítulo da biografia Minha Luta, intitulado "Na Casa Paterna":

Considerando o meu caráter e, sobretudo, o meu temperamento, pensei meu pai poder chegar à conclusão de que o curso de humanidades oferecia uma contradição com as minhas tendências intelectuais. Pareceu-lhe que uma escola profissional corresponderia melhor ao caso. Nessa opinião, ele se fortaleceu ainda mais ante minha manifesta aptidão para o desenho, matéria cujo estudo, no seu modo de ver, era muito negligenciado nos ginásios austríacos. Talvez estivesse também exercendo influência decisiva nisso a sua difícil luta pela vida, na qual, aos seus olhos, o estudo de humanidades de pouca utilidade seria. Por princípio, era de opinião que, como ele, seu filho naturalmente seria e deveria ser funcionário público (...).

Seria impossível que isso se coadunasse com a sua usual concepção do cumprimento do dever, pois representava uma diminuição reprovável de sua autoridade paterna. Além disso, a ele cabia a responsabilidade do futuro do seu filho.

E, não obstante, coisa diferente deveria acontecer. Pela primeira vez na vida fui, mal chegava aos 11 anos, forçado a fazer oposição (...).

Eu não queria ser funcionário.

Nem conselhos, nem "sérias" admoestações conseguiram demover-me dessa oposição.

Nunca, jamais, em tempo algum, eu seria funcionário público.

Tornou-se mal-humorado e foi reprovado duas vezes no exame de admissão à escola secundária de Linz, um local que mais tarde provou ser decisivo para a formação das opiniões anti-semitas dele, que lhe foram apresentadas por meio de um professor do local, chamado Leopold Poetsch, um dos homens mais admirados pelo jovem Hitler.

Alois Hitler morreu em janeiro de 1903, numa taberna, vítima de alcoolismo. Dois anos depois, quando tinha 15 anos, Adolf abandona a escola. Além de seu desinteresse, o rapaz pegou uma infecção pulmonar que o derrubou na cama. Como tratamento, o médico receitou que se afastasse dos estudos por pelo menos um ano, indicação que ele seguiu sem hesitar. Felizmente, eles podiam se dar a esse luxo, já que o pai havia deixado uma pensão e economias suficientes para manter a família por algum tempo.

## A MÃE

A adoração que Adolf tinha pela mãe revela-se nesse trecho de Minha Luta, parte também do primeiro capítulo já citado antes:

Minha mãe sentia-se no dever de, conforme aos desejos de meu pai, continuar minha educação, isto é, fazer-me estudar para a carreira de funcionário. Eu, porém, estava ainda mais decidido do que antes a não ser burocrata, sob condição alguma. A proporção que a escola média, pelas matérias estudadas ou pela maneira de ensiná-las, afastava-se do meu ideal, eu me tornava indiferente ao estudo.

Inesperadamente, uma enfermidade veio em meu auxílio e, em poucas semanas, decidi o meu futuro, pondo termo à constante controvérsia na casa paterna (...). Sob a impressão da minha moléstia, minha mãe consentiu finalmente em tirar-me, tempos depois, da escola profissional e em deixar-me frequentar a

Academia.

Foram os dias mais felizes da minha vida, que me pareciam quase que um sonho e, na realidade, de sonho não passaram.

Dois anos mais tarde, o falecimento de minha mãe dava a esses belos projetos um inesperado desenlace.

Klara Hitler morreu em dezembro de 1907, quatro anos depois de seu pai. Ela teve câncer no seio e, segundo algumas fontes, Adolf teria contratado Edmund Bloch, um médico judeu famoso que cobrava caro por seus tratamentos. O médico examinou a paciente e verificou o nível de seu sofrimento. Diante do diagnóstico, ele teria sugerido o tratamento das feridas com o uso de gaze embebida em iodo, um método que poderia gerar um envenenamento como efeito colateral. O filho aceitou correr o risco e Klara foi tratada, morrendo em seguida como consequência do uso do iodo conforme havia sido previsto. A morte da mãe parecia certa, mas o iodo teria acelerado seu fim.

O Führer escreveria sobre isso em Minha Luta:

A sua morte se deu depois de uma longa e dolorosa enfermidade que, logo de começo, pouca esperança de cura oferecia. Não obstante isso, o golpe atingiu-me atrozmente. Eu respeitava meu pai, mas por minha mãe tinha verdadeiro amor.

Seria esta a verdadeira origem de seu antissemitismo e de suas ideias racistas? Teria ele acalentado a morte de sua mãe como efeito catalisador do que se tornaria mais tarde o nazismo? Ninguém sabe ao certo. É errado, porém, achar que a ideia da propagação racista nasceu com Hitler e seu partido dos trabalhadores. Conforme veremos mais para frente, essa ideologia já era corrente nos povos alemães desde o surgimento do II Reich de Bismark.

# VIENA

O caminho para que, o agora jovem, Hitler se tornasse um pintor parecia estar liberado, já que não havia mais a presença de seu pai. Porém, outra decepção marcaria sua vida. Ele acreditava que seria facilmente admitido na Academia de Belas-Artes de Viena. Apoderou-se da herança deixada pelo pai, que retirou quando completou 18 anos, e foi para aquela cidade junto a um amigo, chamado August Kubizek.

A cidade de Viena passava por uma fase na qual havia uma grande profusão de cultura, arte e cafés. Eram constantes as óperas e concertos à beira do rio Danúbio e os dois milhões de habitantes tornavam a cidade um centro cultural comparável a Paris, um fator que contrastava com os milhares de desempregados que havia por lá. Além disto, os povos eslavos, definidos como um povo indo-europeu que habita a região da Europa central e oriental há cerca de cinco mil anos, cujos descendentes atuais são os russos, bielo-russos, ucranianos, búlgaros, sérvios, croatas, macedônios, eslovenos, tchecos, eslovacos, polacos e lusácios estavam cada vez mais conquistando espaço e até mesmo "roubando" os empregos dos habitantes de origem germânica, o que gerava uma onda de descontentamento.

Não demorou muito para que a primeira recusa chegasse. Hitler tentou novamente e logo levou uma segunda recusa. Ele dirigiu-se até a escola para perguntar pessoalmente os motivos para que aquilo acontecesse. O diretor do estabelecimento não escondeu seus sentimentos quanto ao talento do pretense pintor e disse na cara dele que sua real vocação era para arquitetura e não para pintura ou desenho. Este ponto de vista seria depois confirmado pelos pesquisadores de sua vida. Quem teve oportunidade de observar seus esboços pôde constatar que, de fato, suas reproduções de edifícios eram perfeitas, ao passo que as reproduções humanas deixavam a desejar.

Hitler tinha, na época, já 19 anos e foi em busca de um subsídio para

órfãos, ao qual tinha direito (dinheiro que duraria até 1910). Nesse tempo, permaneceu em Viena sem um emprego fixo e vivendo do subsídio e de uma herança recebida de sua tia por lado materno Johanna Pölzl. Vivia num quarto de pensão que dividia com Kubizek, mas não demorou muito para que a índole verdadeira de Hitler começasse a se manifestar. Como resultado do ócio em que se encontrava, logo abandonou o amigo para desaparecer na grande multidão de Viena. Chegou a pernoitar num asilo para mendigos na zona de Meidling no outono de 1909, onde recebeu dos demais "ocupantes" o nome Ohm Krüger.

Os tempos eram difíceis e logo lhe veio a necessidade de conseguir dinheiro de outras maneiras. Depois de tentar ocupações mais simples, como ser ajudante de operário e carregador de malas em estações ferroviárias, teve a ideia de pintar paisagens da cidade e fabricar assim cartões postais. Este material era vendido em igrejas, casas de óperas e cafés por meio de um conhecido chamado Reinhold Hanish. A parceria, entretanto, não durou muito, uma vez que Hanish havia sumido com um dos quadros. Mas o dinheiro obtido com essa atividade foi suficiente para financiar o aluguel de um apartamento. O que lhe teria mais irritado com o sumiço de um simples quadro foi o fato de que a atividade estava lhe rendendo um bom dinheiro, mais do que ele faria caso se tornasse um empregado.

Durante seu tempo livre, ele ainda frequentava a ópera de Viena, onde adorava assistir a óperas relacionadas com a mitologia nórdica, de Richard Wagner, além de se dedicar à leitura de muitos livros, um dos meios que mais ajudava a propagar ideias antissemitas, além de periódicos que idolatravam a chamada raça ariana e que falavam do que realmente havia prejudicado o II Reich e provocado o fim do Império Austro-Húngaro. Diz ele no segundo capítulo de Minha Luta, intitulado "Anos de Aprendizado e de Sofrimento em Viena":

Viena, a cidade para muitos reputada como um complexo de

inocentes prazeres, como lugar para homens que se querem divertir, vale para mim, infelizmente, como uma viva lembrança dos mais tristes tempos da minha vida. Ainda hoje, essa capital só desperta em mim pensamentos sombrios. Cinco anos de miséria e de sofrimentos, eis o que significa a minha estadia nessa cidade de prazeres. Cinco anos em que, primeiro como ajudante de operário, depois como aprendiz de pintor, vi-me forçado a trabalhar pelo pão quotidiano, mesquinho pão que nunca bastava para saciara minha fome habitual. A fome era então minha companheira fiel que nunca me deixava sozinho e que de tudo igualmente participava. Cada livro que eu comprava aumentava a sua participação na minha vida. Uma visita à ópera fazia com que ela me fizesse companhia o dia inteiro. Era uma eterna luta com a minha impiedosa companheira. E, não obstante isso, nesse tempo aprendi mais do que nunca. Além do meu trabalho em construções, das raras visitas à ópera - feitas com o sacrifício do estômago - tinha como único prazer a leitura. Li muito e profundamente. No tempo livre, depois do trabalho, subia imediatamente ao meu quarto de estudo. Em poucos anos, lancei os alicerces de conhecimentos de que ainda hoje me utilizo. Mais importante do que tudo isso: naqueles tempos, adquiri uma noção do mundo que serviu de fundamento granítico para o meu modo de agir de então. A essa noção precisei acrescentar pouca coisa, mudar nada.

Os cinco anos que passaria na cidade, até 1912, foram decisivos para que ele consolidasse seus pensamentos e ideias e formasse grande parte do caráter que o levaria ao poder na Alemanha. Foi principalmente lá que o antissemitismo, que já era uma característica própria da cultura católica reinante no sul da Alemanha e na própria Áustria, tomava forma. Lá havia uma grande comunidade de judeus, muitos dos quais eram ortodoxos, vindos do Leste europeu. Intrigado com os judeus, o futuro ditador não tardou a obter panfletos abertamente antissemitas e observar as



tendências político-religiosas semelhantes, que apareciam na forma dos escritos e ideias de homens como Jörg Lanz von Liebenfels - um ideólogo racista e ex-monge cisterciense, criador da Teozoologia (que pregava a esterilização das chamadas "raças inferiores") e autor de vários dos panfletos lidos por Hitler -, de políticos como Karl Lueger - o presidente da Câmara de Viena - e Georg Ritter von Schönerer - fundador do partido Pan-Germânico. Estes são apenas alguns nomes para os quais o mito dos arianos era mais do que simples histórias e que influenciaria o futuro Führer para começar a formar as bases de suas visões políticas.



1937: Chanceler alemão Adolf Hitler (1889-1945), conduzindo uma reunião em Berlim.

# CAPÍTULO 2

# ARIANISMO

# M

uito já se falou sobre a suposta "raça superior". Mas a maioria das pessoas nem faz ideia de como tal conceito pode ter um dia passado pelo pensamento humano. Assim, para melhor elucidar os leitores, vamos fazer agora um pequeno resumo sobre o conceito dos arianos.

Analisaremos neste capítulo, sob a perspectiva de duas fontes diferentes: a primeira, esotérica, é baseada em conhecimentos difundidos de sociedades secretas em vigência no final do século XIX e que gerou anos depois uma corrente que estuda essas influências, conhecida como nazismo esotérico; e a segunda, fortemente baseada em relatos históricos, localizará a origem das ideias da raça perfeita no país menos provável - os Estados Unidos.

Iniciemos, então, nossa análise. Historicamente os povos de origem indo-iraniana eram os mais antigos que se conhecia a falar as línguas indo-européias. Com o passar do tempo, outros povos, como os romanos, os gregos, os alemães, os celtas, os eslavos e os bálticos, foram considerados como pertencentes do mesmo grupo. Afirma-se que as línguas de todos eles tinham uma origem comum - a chamada língua proto-indo-européia, que seria falada por seus respectivos ancestrais originais. Esse grupo, bem como seus descendentes modernos, foram então chamados "arianos" com a intenção de oferecer uma distinção de línguas marcada pela etnicidade e comportamento.

O termo chegou a ser usado mais comumente entre o final do século XIX e o começo do XX. Um exemplo desse uso pode ser observado no livro *The Outline of History* (também conhecido como *A Short History of The World*, Capítulo XIX), de H. G. Wells, no qual há relatos sobre os feitos atribuídos aos arianos. O autor ainda sugere que tal raça teria dominado e subjugado "todo o mundo antigo, semítico, egeu e egípcio". A maioria dos pesquisadores históricos indica que o uso do termo "ariano" para definição do povo indo-europeu está obsoleto.

A ideia de que os "arianos puros" viriam dos países ao norte da Europa surgiu pelas mãos de escritores como o diplomata, escritor e filósofo francês Joseph Arthur de Gobineau, hoje considerado uma grande influência no racismo do século XIX. Seu discípulo, o escritor britânico Houstin Stewart Chamberlain, escreveria *A Gênese do Século XX*, publicado em 1899, onde afirma que "a raça superior ariana era ancestral de todas as classes superiores européias e da Ásia". Também dizia que ela não estava extinta, mas era conservada "em estado puro" na Alemanha.

Assim, o termo "ariano" refere-se especificamente ao subgrupo dos indo-europeus, que se estabeleceu no planalto iraniano desde o final do terceiro milênio a.C. Esse povo teria habitado a Península da Índia por volta de 1500 a.C., vindo do norte, disseminando-se depois principalmente pela Índia e pela Pérsia. Seus descendentes, aqueles que fundaram a civilização indiana e subjugaram as populações locais, deram origem ao conhecido sistema indiano de castas (Brâmanes, Xátrias e Vaixás). Esta "pureza", que originaria a separação de classes, foi a base inspiradora dos defensores do arianismo, para os quais o potencial humano é diluído com os diversos cruzamentos entre os povos. Isso provocaria a perda do contato humano com a parcela divina e perfeita, própria dos arianos.

## O TERMO “ARIANISMO”

A palavra mais usada pelos nazistas tem sua origem etimológica no termo

latino *arianus* (cujas declinações são *ariana* - plural - e *arianum* - singular). Na verdade, o ariano seria o originário da região da Ária (também escrita como *Aria* ou *Ariana*), correspondente à parte da Pérsia (em algumas versões seria parte da Ásia).

O nome Ária vem dos termos gregos *Areía* ou *Ária*. Estes, por sua vez, derivam dos radicais persas *ariya* (outra versão afirma que vem do avéstico *aiiya*). Eram usados para definir os povos invasores que mantinham relação étnica (muitas vezes de solidariedade) com aqueles que eram dominados, os bárbaros.

Vale lembrar que, até hoje, os armênios se autodenominam arianos, exatamente com essa conotação racial de "sangue puro". O que não é de se espantar, uma vez que povos dessa região já usavam o termo nesse contexto desde a Antiguidade. Os persas usavam-no para descrever sua linhagem e sua língua, uma tradição que resistiu à passagem do tempo.

Os registros históricos apontam uma proclamação encontrada em Naqsh-e Rostam, na região do atual Irã, atribuída a Dario, o Grande, que diz:

Eu sou Dario, o Grande Rei (...). Um Persa, filho de um Persa, um Ariano de linhagem Ariana (...).

No mesmo texto, há uma referência à "língua ariana", que seria o que hoje se denomina "persa antigo". Inexplicavelmente, com toda a obsessão nazista pelo termo, não se sabe por que eles não quiseram adotar também essa linguagem para se comunicar.

O termo também foi adotado como conceito religioso entre os seguidores do Zoroastrismo. Pouco antes da Revolução de 1979, que destronou o último Xá do Irã, a família deste último acrescentou o termo *Āryámehr* (Luz dos Arianos) àqueles que já eram usados por costume, entre eles *Shahanshah* (Rei dos Reis, usado inclusive por Xerxes, que enfrentou o rei Leônidas de Esparta na famosa Batalha das Termópilas). No Afeganistão,

há, até hoje, uma empresa aérea chamada Ariana Airlines. E ainda há outros usos dos termos, incluindo nomes pessoais persas como Arya (para mulheres) e Aryan (para homens). E, em outros casos, os termos "ariano" e "iraniano" são usados como sinônimo um do outro, como no Aryan Bank, um banco iraniano.



Alemanha, 01 de janeiro: Adolf Hitler. Alemanha, por volta de 1930.



# CAPÍTULO 3

# GUERRA E POLÍTICA

# E

m maio de 1912, começou uma nova fase na vida de Hitler, quando deixou Viena para se mudar para Munique. Em Minha Luta, deixa claro que sempre teve desejo de morar em uma cidade alemã, possivelmente para se afastar do complexo étnico que o Império Austro-Húngaro havia se tornado. Naquela época, os germânicos estavam se tornando minoria e os eslavos eram indicados para cargos públicos, até mesmo para cuidar de paróquias alemãs, o que tirava muitas vezes as chances de emprego dos germânicos.

Também nesse mesmo momento histórico, segundo alguns de seus biógrafos, ele ainda acalentava a vontade de se tornar um artista e, ao mesmo tempo, queria fugir do alistamento militar.

Viena mantinha uma quantidade de desempregados muito grande e o governo austríaco tinha tomado a decisão de observar atentamente aqueles que tinham pendências com o serviço militar, sendo Hitler um deles. Ele estava decidido a não servir a um governo que, no fundo, odiava e desprezava, por isso resolvera ir para Munique onde não encontraria essa mistura racial na sociedade e teria chances de encontrar uma vida artística mais de acordo com suas próprias intenções.

Diz ele em Minha Luta, no Capítulo 4, intitulado "Munique":

Aquela cidade parecia-me tão familiar como se eu tivesse morado há longo tempo dentro de seus muros. Isso provinha do fato de que os meus estudos, a cada passo, se reportavam a essa metrópole da arte alemã. Quem não conhece Munique não viu a Alemanha, quem não viu Munique não conhece a arte alemã. Entretanto, esse período anterior à guerra foi o mais feliz e tranquilo de minha vida. Apesar de os meus salários serem ainda muito reduzidos, eu não vivia para poder pintar, mas pintava para, dessa maneira, assegurar a minha vida, ou melhor, para assim poder continuar os meus estudos. Eu estava convencido de que um dia ainda conseguiria o meu objetivo. E só isso já me fazia suportar com indiferença todos os pequenos aborrecimentos da vida quotidiana. Acrescente-se mais o grande amor que eu tinha por aquela cidade, quase que desde a primeira hora da minha permanência ali. Uma cidade alemã! Que diferença de Viena! Sentia-me mal em pensar naquela babel de raças. Além disso, o dialeto, muito mais chegado a mim, fazia-me lembrar a minha juventude, sobretudo no trato com a Baixa Baviera. Havia milhares de coisas que já eram ou com o tempo se tornaram caras. O que, porém, mais me atraía era a admirável aliança da força e da arte no ambiente geral, essa linha única de monumentos que vai do Hofbräuhaus ao Odeon, da Ocktoberfest à Pinacoteca. Sinto-me hoje pertencer mais àquela cidade do que a qualquer outro lugar do mundo e isso devido ao fato dela estar inseparavelmente ligada à minha própria vida, à minha evolução. O fato de, já naquela ocasião, eu gozar uma verdadeira tranquilidade era de atribuir-se ao encanto que a admirável residência de Witteisbach exerce sobre todos os homens que possuam qualidades intelectuais aliadas a sentimentos artísticos.

Esse seria considerado por Hitler o período mais feliz de sua vida. Porém, as pendências políticas, tão constantes em sua vida, logo voltariam para

assombrá-lo, mesmo em seu novo endereço. Oito meses após ele chegar a Munique, as forças austríacas conseguiram localizá-lo. Terminou preso como desertor e, claro, foi levado para poder cumprir com suas obrigações. Em Salzburgo, no oeste da Áustria, local de nascimento do compositor clássico Mozart, ele foi finalmente examinado e então liberado do serviço militar por ser considerado "inapto para as atividades físicas", um produto da vida dura que levava nos últimos anos e que o deixara com um físico considerado fraco demais para lidar com equipamentos pesados.

Hitler aproveitou a chance e voltou para Munique, desta vez livre do fantasma de qualquer pendência com o Império Austro-Húngaro. Passaria menos de um ano desde este acontecimento até o início da 1ª Guerra Mundial. Foi um período em que viveu da venda de seus quadros nas ruas da cidade e de pequenos trabalhos. O futuro Führer começou então a passar por diversos quartos de pensão sujos e baratos, uma rotina na qual ele procurava compensar o estresse mental com as leituras de jornais e revistas, nas quais o antissemitismo predominava de maneira assustadora. Sua coleção de livros sobre política e panfletos era vasta e trazia, entre si, aquele que é considerado até hoje um dos principais livros que ajudou na disseminação das ideias racistas contra os judeus: os famosos Protocolos dos Sábios de Sião.

## UMA INVENÇÃO RUSSA

Em Minha Luta, no Capítulo IX, intitulado "Povo e Raça", Hitler comentou sobre os Protocolos dos Sábios de Sião. Vejamos o trecho:

Os "Protocolos dos Sábios de Sião", tão detestados pelos judeus, mostram, de uma maneira incomparável, a que ponto a existência desse povo é baseada em uma mentira ininterrupta. "Tudo isto é falsificado", geme sempre de novo o "Frankfurter Zeitung", o que constitui mais uma prova de que tudo é verdade. Tudo o que muitos judeus talvez façam inconscientemente acha-se aqui

claramente desvendado. Mas o ponto capital é que não importa absolutamente saber que do cérebro judeu provêm tais revelações. O ponto decisivo é a maneira pela qual essas revelações tornam patentes, com uma segurança impressionante, a natureza e a atividade do povo judeu nas suas relações íntimas, assim como nas suas finalidades. A melhor crítica desses escritos é fornecida entretanto pela realidade. Quem examinara evolução histórica do último século sob o prisma deste livro, logo compreenderá também o clamor da imprensa judaica, pois no dia em que ele for conhecido de todo o povo, nesse dia, estará evitado o perigo do judaísmo.

O que Hitler simplesmente desconsiderou era a evidência forte de que aquele livro era mesmo uma farsa. Os famosos Protocolos dos Sábios de Sião, que os nazistas e neonazistas adoram citar como se fosse uma verdadeira obra literária, nada mais é do que uma obra forjada durante a Rússia do Czar Nicolau II, o último dos Romanos, que governou entre 1894 e 1917. A obra culpa os judeus pelos males que se abateram naquele país e surgiu originalmente em edições privadas no ano de 1897, sendo que somente se tornou pública em 1905. É uma cópia tirada de outra obra literária, um romance do século XIX chamado Biarritz, originalmente publicado em 1868, cuja história gira ao redor da existência de uma cabala secreta judaica e suas conspirações para conquistar o mundo.

Esse romance foi criado por um autor alemão, claramente antissemita, chamado Hermann Goedsche, que preparou o escrito sob o pseudônimo de Sir John Retcliffe. A ideia, por sua vez, veio de outro escritor, Maurice Joly, autor de Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu, publicado em 1864, e que falava sobre uma conspiração no Inferno contra Napoleão III. Goedsche somente trocou a figura conspiratória dos escritores citados pelos judeus e inseriu cenários mais contemporâneos.

Como sabemos, o Império Russo anterior à Revolução Comunista procurava um bode expiatório para os problemas internos, mais ou menos

como na Alemanha entre guerras. E os russos não tiveram escrúpulos ao usar partes da novela de Goedsche e publicá-las separadamente, já com o nome dos Protocolos, acompanhadas de afirmações de que se tratavam de atas verdadeiras de reuniões secretas realizadas por judeus. Com isto, esperavam reforçar a imagem do Czar, ao identificar seus verdadeiros oponentes. Registros históricos demonstram que Nicolau já via o Manifesto Comunista de Marx e Engels, publicados em 1848, como uma ameaça. Marx, por ser judeu, mas não seguir a religião e falar abertamente sobre a ideia de um regime político onde a religião como um todo seria banida, era a figura perfeita para a criação de uma "ameaça judaica fundamentada".

Apesar de a obra ter sido constantemente acusada como fraudulenta (em 1921, por Philip Grave, um correspondente do London Times; em 1920, por Lucien Wolf no livro *The Jewish Bogey and the Forged Protocols of the Learned Elders of Zion*; e em 1971, por Herman Bernstein na obra *The Truth about the Protocols of Zion: a Complete Exposure*, entre outros), ela continuou a ser usada como um documento histórico verídico e confundiu as cabeças das pessoas.

O texto, de fato, parece ser extremamente perigoso e cheio de duplos sentidos. Vejam só esse trecho, retirado do Capítulo 1 do livro:

Somente um indivíduo preparado desde a meninice para a autocracia é capaz de conhecer a linguagem e a realidade políticas. Um povo entregue a si próprio, isto é, aos ambiciosos do seu meio, arruina-se na discórdia dos partidos, excitados pela sede do poder, e nas desordens resultantes dessa discórdia. É possível às massas populares raciocinar tranquilamente, sem rivalidades intestinas, dirigir os negócios de um país que não podem ser confundidos com os interesses pessoais? Poderão defender-se dos inimigos externos? É impossível. Um plano, dividido por tantas cabeças quantas há na multidão, perde sua unidade, tornando-se ininteligível e irrealizável.

Os antissemitas de fato usaram e abusaram do texto. Um caso que ficou notório foi sua publicação nos Estados Unidos num jornal de Michigan cujo proprietário era ninguém menos do que Henry Ford, o criador dos carros que levam seu nome. O próprio Ford era antissemita e autor do livro O judeu Internacional. Mesmo depois que a fraude foi denunciada, o jornal continuou a publicar o texto.

Hitler usaria os Protocolos como uma justificativa para a necessidade do extermínio dos judeus numa atividade de propaganda que começou cerca de dez anos antes da eclosão da II Guerra Mundial.

De acordo com o pensamento nazista, era necessário tomar certos cuidados contra os planos judeus de domínio mundial, que tinham sido "descobertos" pelos russos em 1897. Eles afirmariam que o plano ainda estava em andamento 33 anos depois. Hitler dizia que eram a prova da "culpa" dos judeus pela Revolução Comunista.

E o texto seria usado até hoje por grupos racistas, supremacistas brancos, nazistas e neonazistas para justificar os males que afligem os povos que estejam sob regimes autoritários. A publicação dos Protocolos em várias línguas, incluindo o português, ajudou em sua propagação. Ainda hoje, neonazistas afirmam que os judeus seriam responsáveis pela queda do comunismo e sua posterior democratização.

## ESTOURA A I GUERRA MUNDIAL

As tensões européias haviam crescido muito nos últimos anos. Assim, quando a notícia de que o arquiduque Francisco Ferdinando, o herdeiro do Império Austro-Húngaro, fora assassinado por terroristas sérvios em Sarajevo e a Áustria declarou guerra à Sérvia por causa disso, a notícia foi recebida como o começo de uma nova era para os povos germânicos. Sendo uma "oportunidade de ouro" para que os adeptos da eugenia e outros movimentos "purificadores da raça" limpassem o país dos eslavos e

outros que roubavam seus empregos e infestavam seu modo de vida. Podemos verificar que a ideia racista já estava enraizada naquele povo muito antes da ascensão dos nazistas. E como vimos no capítulo anterior, as ideias eugênicas já eram bem recebidas nos círculos científicos, enquanto os conceitos teosóficos ganhavam adeptos em outros círculos, principalmente entre os germânicos mais ricos e que estavam fora do meio acadêmico.

Assim, não é de se espantar que Hitler e os demais alemães que receberam a notícia da declaração de guerra comemoraram o fato em plena Praça Odeon, em Munique, conforme um registro fotográfico que sobreviveu até nossos dias. Pela afinidade racial, os alemães se uniram aos austríacos contra a Sérvia que, por seu lado, teve o reforço da Rússia e de outras nações da Europa Ocidental. Não demorou muito para que o conflito original (Império Austro-Húngaro versus Sérvia) fosse quase esquecido na grande batalha por interesses de diversos planos (social, econômico, político e até territorial). O conflito logo tomaria a forma de um palco, onde o poder imperial germânico tentava se fazer impor sobre todo o resto da Europa.

Hitler, tomado pelas ideias nacionalistas de suas leituras e completamente embriagado pela perspectiva de lutar "pelo que era certo", correu para se alistar no exército da Bavária (também conhecida como Baviera, Estado alemão localizado no extremo sudoeste do país, cuja capital é Munique). Já soldado, serviu nos regimentos enviados para França e Bélgica como mensageiro, uma posição considerada perigosa em virtude da exposição aberta e constante do homem ao fogo inimigo sem a proteção de uma trincheira. Registros históricos mostram que a folha de serviço dele era exemplar, porém, nunca conseguiu ser promovido a algo mais que um cabo. Não se sabe bem o motivo, mas novamente os biógrafos arriscam dizer que esta seria mais uma vergonha que o futuro ditador teria de amargar. O cargo que mantinha, um dos mais baixos na hierarquia militar, refletia sua posição na sociedade quando entrou para o exército e não



tinha poder para comandar nenhum tipo de grupo de soldados, fosse grande ou pequeno.

Os registros militares indicam que lutou em diversas batalhas, entre elas a de Ypres, uma localidade belga (quando apenas 600 de um total de 3.500 soldados sobreviveram) e a de Neuve Chapelle, comuna francesa na região de Nord-Pasde-Calais, no local norte daquele país. Sua primeira medalha foi conquistada em dezembro de 1914, quando recebeu Cruz de Ferro de Segunda Classe, seguida por uma Cruz de Ferro de Primeira Classe quatro anos depois, em agosto de 1918. Esta última condecoração foi uma conquista e tanto, visto que só era concedida a oficiais de graduação superior, e Hitler não era graduado para conquistá-la (nem mesmo era cidadão alemão). Naquele mesmo ano, como resultado de uma exposição ao fogo inimigo, recebeu outra condecoração, a Das Verwundetenabzeichen, concedida àqueles que obtêm ferimentos de guerra. Em 14 de outubro, foi atingido por bombas de gás mostarda que o deixaram cego temporariamente, sofreu um colapso e foi internado no hospital de Pasewalk, na Alemanha, onde recebeu a notícia de que a "grande nação alemã" havia perdido a guerra e se rendera.

Naquele período em que convalescia, Hitler pensava sobre o resultado do conflito e se convencia cada vez mais de que esse resultado só seria possível graças a um boicote judeu-comunista dentro da própria Alemanha. Chegou a culpar o Kaiser Guilherme II pelo resultado catastrófico que levou ao fim do II Reich e desenvolveu um ódio maior pelos judeus, que acreditava serem os responsáveis pela derrota bélica e que tomavam cada vez mais os negócios do país. Cerca de 400 mil trabalhadores de Berlim entraram em greve, requisitando o fim da guerra, o que foi considerado por Hitler como traição ao povo alemão.

## PÓS-GUERRA

Assim, a 1 Guerra Mundial chegou ao fim e o futuro ditador permaneceu

no exército. Veio então o famigerado Tratado de Versailles, assinado a 28 de junho de 1919, o que só contribuiu para que a Alemanha alimentasse o ressentimento pela derrota sofrida. Pelo acordo, o país pagaria muito caro, já que foi considerada, praticamente, a única responsável pelo conflito. A preocupação das potências vencedoras era que o país não conseguisse se reorganizar e, para isso, foram tomadas medidas preventivas pesadas, entre elas a perda de territórios (a parte leste ficou para a Polônia e a Alsácia-Lorena para a França) e o pagamento de pesadas indenizações para os vencedores. Além disso, o país seria proibido de organizar marinha e exército e poderia ter no máximo 100 mil homens de contingente. Suas colônias ultramarinhas ficariam sob domínio dos britânicos, dos franceses e dos japoneses.

Sobre o fracasso de Bismarck, Hitler comentou em Minha Luta, no capítulo intitulado "A Guerra Mundial":

Toda tentativa de combater pelas armas um princípio universal tem de ser mal sucedida, enquanto a luta não tomar rigorosamente forma ofensiva por novas ideias. É somente na luta de dois princípios universais que a força bruta empregada, persistente e decididamente, pode provocar a decisão favorável ao lado por ela sustentado. Por isso é que até então tinha fracassado a luta contra o marxismo. Este foi o motivo pelo qual a legislação socialista de Bismarck acabou falhando, e tinha de falhar. Faltou a plataforma de uma nova doutrina universal por cuja vitória se deveria ter lutado. De fato, estimular uma luta de vida e morte com expressões vazias, tais como "autoridade do Estado", "paz e ordem", é algo que só poderia mesmo ocorrer a altos funcionários de secretaria, sabidamente ociosos de ideias. Faltando, como faltou nessa luta, uma verdadeira base espiritual, teve Bismarck de contar, a fim de poder introduzir a sua legislação socialista, com uma instituição que nada mais era do que um aborto do comunismo. Confiando o destino de sua guerra ao marxismo à complacência da democracia burguesa, o

chanceler de ferro queria fazer da ovelha, lobo. Entretanto, tudo isso era a consequência forçada da falta de um princípio geral básico e de grande poder conquistador que fosse oposto ao marxismo. O resultado final da luta de Bismarck redundou, pois, numa grande desilusão.

A situação da Alemanha piorou muito depois. O Kaiser Guilherme II foi obrigado a renunciar e logo começaram a eclodir revoltas e protestos. Havia várias facções que tentavam tomar o poder para si, entre elas uma vertente comunista e outra que queria manter o governo imperial. Em janeiro de 1919, a República foi proclamada e um complô comunista esmagado. O exército que sobrou tinha a missão de controlar todo esse caos.

Como integrante do exército, Hitler recebia um salário baixo e fez parte dos cursos de "pensamento nacional", organizados pelos departamentos da Educação e Propaganda do grupo da Reichswehr da Baviera. Um dos principais objetivos deste grupo era criar um bode expiatório para os resultados da Guerra, o que caiu como uma luva para os antissemitas de plantão. Logo, tanto o "judaísmo internacional" quanto o comunismo e a política eram apontados como os vilões da vez.

Para Hitler, já impregnado nessa época de antissemitismo, os judeus eram mesmo culpados pela humilhação da derrota. Por causa de seus dons oratórios, logo foi nomeado líder e elemento de ligação do "comando de esclarecimento". Ele tinha por missão influenciar outros soldados com idéias pré-escolhidas por seus superiores. O que poucos sabem é que o futuro ditador já tinha planos para criar seu próprio partido, mas, seguindo ordens de seus superiores, ele se infiltrou num que já existia para poder assim influenciar os soldados e ajudar a acalmar as revoltas tão comuns no país.

O quartel-general seleciona um partido pequeno de caráter nacionalista, o

Partido dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - DAP). Este grupo era restrito apenas a um punhado de homens, que se reuniam na cervejaria Sternecker, na época sob a liderança do fundador, Anton Drexler, uma figura que cairia em desgraça nos círculos nazistas anos depois. Na época em que estava no poder, o partido possuía apenas sete membros, mas foi Drexler que teria reparado primeiro em Hitler.

Quando o então soldado espião compareceu à sua primeira reunião do partido, pediu a palavra em uma discussão sobre a separação da Baviera da Alemanha. Então, consta que Hitler disparou a discorrer sobre o pangermanismo, ou seja, a união de todos os povos germânicos e chamou a atenção de todos os presentes, incluindo de Drexler, ele próprio antissemita. O homem, que era o orador original, terminou por se retirar do recinto antes que pudesse terminar seu pensamento. O futuro ditador foi então ovacionado por todos os presentes, que correram para cumprimentá-lo.

Uma semana depois, ele recebia no quartel do II Regimento de Cavalaria um cartão-postal do partido, anunciando que havia sido aceito como sócio. Ele terminou por aceitar e se tornou o sétimo sócio. Por sugestão sua, seu número de associado foi mudado para 555, pois a numeração recomeçara em 500 para dar a impressão de que o partido tinha uma dimensão maior do que a verdadeira.

O primeiro texto antissemita de Hitler foi escrito em setembro de 1919. É conhecido como Relatório sobre o Antissemitismo e foi requisitado por Ernst Mayr, um biologista adepto das teorias evolucionárias de Charles Darwin, para um tal de Adolf Gemlich, que participara dos mesmos "cursos educacionais" que Hitler. Nesse texto, considerado por muitos como mais explícito do que o próprio Minha Luta, Hitler diz que lutaria "de forma legal para remover os privilégios gozados pelos judeus em relação a outros estrangeiros vivendo entre nós. O seu objetivo final, no entanto, deverá ser

a remoção irrevogável dos próprios judeus". Já nessa época, pode-se notar a ideia da expulsão forçada que ele colocaria em prática 22 anos depois.

## INÍCIO DO NAZISMO

Hitler deixou o exército antes do ano de 1920 ter início. A partir daí, dedicou-se exclusivamente às atividades que envolviam o DAP. Não demorou muito para se tornar o líder do partido, que mudaria o nome para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, ou NSDAP). Como os adeptos do socialismo democrata eram conhecidos como Sozi, os seguidores do novo partido passaram a se chamar Nazi, termo retirado do nacional socialismo. Com as ideias arianas em mente, os seguidores do novo partido adotaram a suástica, que era apresentada como um símbolo ariano, e a saudação romana, que também foi adotada pelos fascistas de Mussolini.

Hitler já tinha noção de seu talento para a oratória e chegou, na verdade, a treinar alguns movimentos com um professor de teatro. Naquela época, o partido nazista ainda estava pequeno, na sua maioria composto por extremistas de Munique. Porém, com a capacidade de relacionamento pessoal do futuro Führer em pleno desenvolvimento, logo as pessoas começariam a falar da capacidade de inspiração e lealdade que ele despertava. Como era de se esperar, os alemães queriam mesmo uma desculpa pelo fracasso da guerra e os discursos de Hitler atacavam principalmente judeus, socialistas, liberais, capitalistas e comunistas. Logo, nomes nazistas de destaque começaram a engrossar suas fileiras, como Rudolf Hess (vice-líder do partido e secretário de Hitler), Hermann Göring (comandante-em-chefe da Luftwaffe, a força aérea alemã, presidente do partido e segundo em comando no 111 Reich) e Ernst Röhm (líder das AS, milícia paramilitar caracterizada por suas camisas castanhas, que vagueava pelas ruas atacando esquerdistas e minorias religiosas e gritando slogans de propaganda).

Assim, Hitler conseguia seu primeiro intento no caminho do poder: transformar um partido em algo pessoal, que lhe daria o apoio que precisava para chegar ao poder. Essa escalada, como veremos nos capítulos seguintes, seria mais rápida à medida que ele se acostumava com sua exposição ao público e difundia seus ideais racistas.



Líder nazista Adolf Hitler (1889-1945) chegando a Lustgarten, Berlim, para as comemorações de primeiro de maio (dia do trabalho). Berlim, 1º de maio de 1936.

# CAPÍTULO 4



# A BIOGRAFIA OFICIAL DO HITLER

C

om toda a agitação causada pela reorganização do partido, era de se esperar que Hitler, agora ocupado em seus novos afazeres, não tivesse tempo para colocar num pedaço de papel tudo o que absorvia e processava de suas leituras. Por isso, quando a famosa autobiografia de Hitler, chamada *Mein Kampf*, apareceu, foi um canalizador de ideias que atraiu mais pessoas para a ideologia em ascensão.

Antes de entrarmos na história do famoso livro escrito pelo Führer da Alemanha é necessário vermos o contexto que o fez nascer. Neste ponto, vemos que a História entrelaça este evento com um outro, que ficou conhecido como o *putsch* (golpe, em alemão) da cervejaria.

Em 9 de novembro de 1923, aconteceu uma tentativa de tomada de poder por parte de Hitler e seus novos seguidores. Seu objetivo era conquistar o governo da região da Baviera e, de lá, tomar o controle do resto do país. Porém, a tentativa não foi muito bem organizada, o que resultou num confronto com a polícia bávara, em que tanto Hitler quanto vários de seus correligionários, desta vez incluindo Rudolf Hess, foram presos.

Vamos dar uma olhada mais detalhada neste episódio. A maioria dos leitores sabe que Hitler e Mussolini eram aliados. Assim, Hitler tencionava repetir em Munique, a capital da Baviera, a Marcha sobre Roma, realizada por Mussolini entre 27 e 29 de outubro de 1922. Naqueles dias, o ditador

italiano usou 50 mil "camisas negras" (nome dos militantes de seu partido) a fim de pressionar o então rei, Vítor Emanuel III, no sentido de que este o convocasse para a chefia do Ministério do Estado. Assim, com plenos poderes em exercício, dois anos depois, Mussolini implantou leis, dissolveu partidos e impôs a censura na Itália.

De olho no que o "Duce" (como Mussolini era conhecido) fez, Hitler pensou em fazer coisa semelhante para estabelecer seu controle na Alemanha. O agora quase ditador tencionava usar Erich Ludendorff, general da 1ª Guerra Mundial e candidato presidencial pelo partido nazista, como testa de ferro, a fim de conseguir chegar ao controle de Munique. Acertados os detalhes entre os dois homens, ambos conseguiram o apoio do governador legítimo da Baviera, Gustav von Kahr, bem como de diversas personalidades de destaque do exército alemão e até da própria polícia. De fato, ninguém imaginaria que o golpe pudesse dar errado com essas autoridades do seu lado, uma vez que a maioria dos envolvidos queria mesmo formar um novo governo na Baviera.

Aqui vale um parêntese para explicar um pouco o termo putsch: foi adotado no original em diversas línguas que estudam a vida de Hitler para dar uma ideia do que o movimento foi historicamente. O local onde tudo aconteceu foi a cervejaria de Bürgerbräu (cujo nome completo era Bürgerliches Brauhaus München); lá, Hitler teria usado essa expressão, a fim de exaltar a importância do que faziam. Tanto que, para selar o acontecimento, o início da fracassada "revolução" foi marcado com um tiro disparado por Hitler contra o teto. Tudo parecia indicar que dificilmente dariam errado.

Foi então que as coisas começaram a dar errado. O golpe, originalmente marcado para o dia 11, foi antecipado em quatro dias em razão da presença de três altos representantes do governo "a ser destronado", que apareciam por lá para participar de uma manifestação na cervejaria. Exaltados por Hitler e sem uma organização própria, eles invadiram o local

e pegaram os três representantes como reféns para que estes se unissem a eles à força. Foi quando Hitler deu um tiro para o alto e declarou que o governo "havia acabado de cair" e que Ludendorff estava no comando do exército. O local foi então cercado por Herman Göring e por tropas das AS, que já haviam dominado outros pontos da cidade.

Para piorar, alguns dos oficiais, além do próprio Kahr, recuaram em sua posição e retiraram seu apoio. Hitler, apesar de surpreendido, estava decidido a continuar com seus planos: mandou deter todos aqueles que haviam recuado nos planos e continuou a manipular as coisas para que o golpe de Estado funcionasse. Porém, sem que o líder do golpe soubesse, Ludendorff havia tomado a iniciativa de libertar os ex-conspiradores com a condição de que estes não interferissem no andamento das coisas. É claro que, como o leitor pode adivinhar, eles não cumpriram sua parte no acordo e, assim, quando na manhã seguinte os nazistas marcharam da cervejaria para a Sede do Governo Bávaro, no que eles denominavam como "A Marcha sobre Berlim", o exército bávaro entrou em ação e o grupo logo foi subjugado.

Alguns analistas da história do nazismo afirmam que outra falha no golpe foi o fato de que, no afã de dominar o inimigo, eles esqueceram-se de tomar o centro de comunicações, de onde o exército fiel ao governo chamou o exército de Berlim. Quando o exército entrou em ação, já contava com reforços da capital. Vários nazistas morreram no confronto e o próprio Ludendorff ficou ferido.

Um detalhe: uma das bandeiras nazistas que eram carregadas ficou encharcada com o sangue dos mortos, que Hitler declarou anos depois serem "mártires da causa". Ele e outros nazistas guardaram essa bandeira, que afirmavam ser "cheia do poder daqueles heróis" e a usavam para consagrar as novas bandeiras depois que os nazistas chegaram ao poder. Numa estranha cerimônia, em que muitos enxergavam influências místicas, a nova bandeira tocava a velha e "enchia-se da vitalidade" da "reliquia".

Hitler, abalado com o fracasso, refugiou-se na residência de Ernst Hanfstaengl, que agiu de assessor de imprensa para o Führer e também trabalhou com o presidente norte-americano Franklin Roosevelt. Lá, segundo alguns depoimentos, ele teria pensado em se suicidar, um pensamento que, como vemos, passou muitas vezes em sua cabeça como solução final. Mas os esforços foram em vão, pois ele logo foi localizado pelas forças policiais e detido, acusado de alta traição.

Já nesta época, podemos observar um padrão de paranoia presente em sua personalidade. Prestes a ir para a cadeia, a única preocupação de Hitler era a de que alguns membros do partido, contrários às suas ideias, poderiam tomar o poder em sua ausência. Rapidamente, ele determinou que a liderança fosse passada em caráter temporário para Alfred Rosenberg (o membro intelectual nazista mais influente do movimento) e Gregor Strasser (conhecido por ser o segundo homem mais poderoso do partido nazista, perdendo apenas para Hitler na hierarquia interna).

## NASCE UM LIVRO

Se por um lado a tentativa de tomar o poder fracassou de maneira que ninguém, nem mesmo Hitler, esperava, por outro só beneficiou a confecção d e mito hitleriano. Quando foi preso, ele conseguiu o tempo que necessitava para organizar suas ideias, conceitos e premissas, aprofundando mais sua ideologia. Para ter uma noção, foi durante seu julgamento, ocorrido entre fevereiro e março de 1924, que ele conseguiu a possibilidade de se defender quase sem qualquer restrição de tempo, perante o tribunal e um vasto público que rapidamente se exaltou perante seu discurso, baseado num forte sentimento nacionalista. Assim, ele fez sua própria defesa e nela atacou mais uma vez os responsáveis pela "derrota vergonhosa da Alemanha" na 1 Guerra Mundial. Vários veículos de imprensa davam destaque a suas ideias e, ao que parece, até mesmo os magistrados mostraram-se simpáticos a ele. Mas, mesmo assim, foi condenado a cinco anos de prisão por "crime de conspiração com intuito de

traição", cumpridos na prisão de Landsberg, dos quais terminaria por cumprir menos de nove meses e receber a liberdade condicional próximo do Natal daquele mesmo ano. Além de ter um tratamento diferencial no tempo em que ficou detido, verificou sua popularidade por meio de diversas cartas de simpatizantes e pessoas que o apoiavam. Alguns biógrafos ressaltam que ele tinha um quarto maior e mais espaçoso, recebia alimentação regular e passava vários dias dando entrevistas a jornais e revistas.

Foi nesse período que escreveu o livro que marcaria sua vida e carreira e que seria condenado pela maioria dos judeus até hoje, que fazem de tudo para que a obra nunca seja comercializada. Minha Luta é o manifesto político de Hitler no qual o líder político faz um enorme balanço de sua vida em mais de 500 páginas. O fato de ser uma leitura difícil e ter em suas páginas insultos de sobra para judeus e comunistas não parece diminuir a popularidade do livro, que continua a ser editado até hoje em vários países, embora seja legalmente proibido em outros. Alguns dados de vendas são conhecidos, conforme mostram as tabelas a seguir, concentradas nas vendas no Reino Unido e nos Estados Unidos, e mostram que a aceitação do nazismo naqueles países era forte:

| Venda de <i>Minha Luta</i> no Reino Unido |        |                      |                                                        |
|-------------------------------------------|--------|----------------------|--------------------------------------------------------|
| Ano                                       | Edição | Exemplares impressos | Exemplares vendidos                                    |
| 1933                                      | 1-8    | 19.400               | 18.125                                                 |
| 1934                                      | 9-10   | 3.500                | 4.695                                                  |
| 1935                                      | 11-12  | 3.500                | 2.989                                                  |
| 1936                                      | 13-16  | 9.000                | 8.694                                                  |
| 1938                                      | 19-22  | 25.500               | 53.738 (8.000 cópias vendidas nas colônias britânicas) |

### Venda da primeira edição de *Minha Luta* nos Estados Unidos

| Período          | Exemplares vendidos |
|------------------|---------------------|
| março de 1934    | 5.178               |
| setembro de 1934 | 457                 |
| março de 1935    | 242                 |
| setembro de 1935 | 362                 |
| março de 1936    | 359                 |
| setembro de 1936 | 575                 |
| janeiro de 1937  | 575                 |

Fonte: Wikipédia.

## CONTEÚDO E POPULARIDADE

O livro de Hitler, sua biografia oficial (embora muito do que tenha acontecido com ele depois não esteja lá), deve ser encarado principalmente como documento histórico, apesar de seu conteúdo extremamente racista e da supervalorização em suas páginas da chamada raça ariana. Basicamente, estão lá narradas sua infância, sua vida nas cidades de Viena e Munique e muito do que aprendeu durante sua vivência na 1 Guerra Mundial. O que preocupa as autoridades de diversos países (até mesmo as daqui do Brasil) é a parte que transpira ódio racial. Muito do texto fala sobre a raiva que Hitler nutria do governo austríaco antes da 1 Guerra Mundial, sua descoberta dos sentimentos antisemitas, o combate aos comunistas, a superioridade alemã, a unidade dos povos de origem germânica e a legitimidade da guerra contra povos "mais fracos e inferiores".

Todas as ideias que estão lá descritas são as mesmas que ele tentaria aplicar algum tempo depois, quando, já no poder completo, deflagrou a II Guerra Mundial. Vejamos a seguir mais um trecho, retirado do Capítulo 5, chamado "Concepção do Mundo e Organização":

O Estado nacionalista, que tentei pintar em linhas gerais, não surgirá apenas do conhecimento das suas necessidades. Não basta saber que aspecto um tal Estado deverá assumir. Muito mais importante é o problema da sua formação. Não se pode esperar que os partidos atuais, que são os maiores aproveitadores do Estado, mudem de atitude por sua própria iniciativa. Isso é absolutamente impossível, uma vez que seus verdadeiros chefes são todos judeus.

A evolução por que passamos terminará um dia, se não lhe opusermos obstáculos, nesta profecia judaica: o judeu, na realidade, devorará os povos da terra e tornar-se-á senhor deles.

Perfeitamente consciente dos seus objetivos, o judeu defende-os de maneira irresistível, nas suas relações com milhões de alemães proletários e burgueses, os quais caminham para a destruição, principalmente em virtude de sua covardia, aliada à indolência e à estupidez.

Os partidos sob a sua direção não podem fazer outra coisa que não seja combater por seus interesses e nada têm de comum com o caráter das nações arianas.

Se se deve fazer uma tentativa para realizar o ideal de um Estado nacionalista, devem ser postos de parte os que agora controlam a vida pública e deve-se procurar uma nova força resoluta e capaz de tomar a si a luta por esse ideal.

A primeira tarefa nesse combate não é a criação de uma nova concepção do Estado, mas a remoção das concepções judaicas atuais. Como acontece frequentemente na História, a principal dificuldade não está em encontrar os moldes do novo estado de coisas, mas em abrir caminho para instalá-los. Preconceitos e interesses dispõem-se em falanges cerradas, procurando evitar por

todos os meios a vitória de uma nova ideia que vejam como desagradável e ameaçadora.

Por isso, o combatente por um novo ideal dessa natureza é infelizmente forçado, de maneira veemente, a começar a luta pela parte negativa que deve terminar pela remoção das instituições em vigor.

A primeira arma de uma nova doutrinação que se inspire em grandes princípios, por mais que isso possa desagradar a certos indivíduos, deve ser o exercício da mais forte crítica contra aqueles que estão na liderança da sociedade.

Basta uma olhada para o leitor reparar na estrutura do texto. O uso de pequenos parágrafos, alguns deles repetitivos, era uma das características dos discursos de Hitler, o que leva a crer que os editores e revisores da obra procuraram desesperadamente manter seu estilo no texto, para que qualquer leitor tivesse a impressão de estar diante do próprio Hitler.

Além de dar detalhes de sua infância e descrever o processo pelo qual passou para se tornar um nacionalista, um antissemita e um militarista, Hitler descreve as influências recebidas principalmente de suas leituras e dos Protocolos dos Sábios de Sião, ao alertar seus seguidores do "perigo judeu", que trama a "conquista da liderança da Alemanha".



# CAPÍTULO 5

# A SUÁSTICA E OS REICHS ALEMÃES

Q

uando Hitler saiu da prisão, em dezembro de 1924, após o putsch da cervejaria, as coisas estavam mais modificadas do que ele poderia imaginar. Muitas pessoas o consideravam inofensivo e terminaram por simplesmente deixar o partido, possivelmente com medo de serem associadas ao golpe fracassado e pelo fato de as autoridades alemãs proibirem oficialmente a existência do grupo. O país começava a se livrar de uma grave crise econômica na qual havia mergulhado após a 1ª Guerra Mundial. Seguiu-se uma verdadeira ressurreição cultural e artística, época de ouro do expressionismo alemão nos cinemas e das peças de Bertold Brecht no teatro. Ópera, literatura e pintura também floresciam com força.

Esses fatores deram a Hitler uma certeza de que o povo não toleraria uma revolução como a que ele mesmo tentara com o golpe da cervejaria. Assim, se ele quisesse chegar ao poder, teria de enfrentar os meios legais para manter seu partido na ativa. Nos cinco anos seguintes, haveria um crescimento do setor industrial alemão, uma queda significativa do desemprego e um aumento no poder aquisitivo dos trabalhadores. Nas eleições seguintes, não haveria uma participação significativa do partido, já que Hitler não podia falar em público. O único sinal de progresso nesse período foi a agregação do partido em torno da figura do futuro ditador.

Em 1929, a Bolsa de Valores de Nova York entrou numa crise que afetou

todo o planeta, o que contribuiu para o crescimento do fascismo em grande parte da Europa, um sistema político que estava em voga na Itália desde 1922. Portugal teria seu próprio ditador, Antonio de Oliveira Salazar, e a Espanha era governada pelo general Francisco Franco.

Este era o panorama que possibilitou o começo da escalada ao poder do Führer da Alemanha. O historiador Eric Hobsbawn observou:

As guerras foram visivelmente boas para a economia dos Estados Unidos. Em ambas, os americanos se beneficiaram do fato de estarem distantes das lutas e serem o principal arsenal de seus aliados.

Nesse período, Hitler não perdeu tempo e lançou mão de diversos recursos para acertar as coisas do jeito que precisava que fossem. Como já havia as Tropas de Choque (ou as SA), que formavam uma base de poder separada dentro do partido, ele resolveu montar sua própria guarda de defesa pessoal, as SS, uma elite que era caracterizada por vestir camisas pretas e que seria comandada por Heinrich Himmler (falaremos mais sobre SA e SS no Capítulo 7). Foram as SS as principais forças para execução de seus planos, principalmente no que diz respeito à "questão judia".

Além dessas tropas, ele organizou vários grupos que incluíam associações de mulheres e juventudes hitleristas: tudo pela ascensão do partido, um artifício que deu certo. O partido nazista teve um crescimento semelhante ao do partido fascista de Mussolini na Itália. Assim, eles se beneficiaram de maneira direta do mal estar econômico e social depois da derrota na 1ª Guerra Mundial e da crise instalada em 1929.

A grande virada foi mesmo as eleições ocorridas em 1930, quando o partido mostrou que estava mesmo conquistando as atenções das pessoas. A conquista de 18% dos votos válidos e de 107 lugares no Reichstag (parlamento alemão) colocou os nazistas como o segundo maior partido da

época, posição conquistada em grande parte pelo apoio de Alfred Hugenberg, homem de negócios e político alemão que controlava um verdadeiro império de mídia.

Hitler começou, então, a ganhar votos entre a classe média alemã, atingida diretamente pela inflação dos anos 1920 e pelo desemprego gerado pela chamada grande depressão causada pela Bolsa de Nova York. Outras classes que passaram a apoiar os nazistas foram os agricultores e veteranos de guerra. Curiosamente as classes trabalhadoras urbanas ignoraram os apelos de Hitler, em especial nas cidades de Berlim e na região da Bacia do Ruhr, no norte da Alemanha.

Nas eleições seguintes, em 1932, o resultado obtido foi ainda melhor para eles, pois conquistaram 230 lugares no Parlamento e tornaram-se o maior partido alemão. A política de expansão do partido nazista estava a pleno vapor e Hitler chegou a candidatar-se a presidente contra Paul von Hindenburg (marechal alemão, importante figura durante a 1ª Guerra Mundial e presidente da Alemanha entre 1925 e 1934), numa época em que havia um contingente de seis milhões de desempregados. Grandes industriais o apoiavam e financiavam. As fileiras das SA cresceram, de maneira assustadora, chegando ao incrível número de 300 mil membros no final daquele mesmo ano.

As eleições daquele ano renderam 11,5% de votos, mas a vitória foi mesmo de Hindenburg por uma pequena vantagem. O presidente se viu, então, tendo de combater as SA, que provocavam confrontos com a polícia, ao mesmo tempo em que almejava usá-las para manter a ordem das ruas.

Sem alternativa, Hindenburg elegeu um novo chanceler, Franz von Papen, que teve uma atuação fraca e nada ajudou para manter a ordem. A situação pioraria quando os comunistas aumentaram suas cadeiras no Parlamento, o que fez com que o presidente pensasse seriamente numa aliança com os nazistas. Quando Von Papen deixou o cargo, outro político,

Kurt von Schleicher, assumiu o posto, mas negociações com Hitler já estavam em andamento. Tanto é que aquele chanceler só ficou no poder por 85 dias. Assim o presidente, sob pesadas pressões, empossou Hitler como chanceler em 30 de janeiro de 1933. Começava assim a consolidação nazista no poder da Alemanha.

## A ORIGEM DA SUÁSTICA

Não demorou para que as bandeiras com o símbolo nazista mais conhecido, a suástica, dominassem as cidades alemãs. Um ponto que poucas pessoas sabem, entretanto, é que não foram os seguidores de Hitler que criaram este símbolo, mas sim se aproveitaram de uma verdadeira herança da Antiguidade, cujo significado é discutido até hoje.

Como uma cruz foi aparecer no meio de um movimento tão sanguinário como o nazismo? Desde o início, a escolha de tal desenho como representante da ideologia racista de Hitler cheirava a influência esotérica. Mas seria isso verdade? Há indícios de que essa seria uma possibilidade forte, embora nada tenha sido conclusivamente provado.

Mas o fato é que a chamada cruz gamada não apareceu do nada. Poucas pessoas sabem que a suástica é um dos símbolos mais antigos já difundidos pelo mundo todo, e que pode ser encontrada em diferentes localidades do planeta, do norte da Europa à Índia, do Extremo Oriente à Mongólia.

Trata-se de um dos símbolos mais atraentes que já foram registrados e era conhecido dos celtas, dos etruscos e dos gregos antigos. Há alguns estudiosos que insistem em ligar esta cruz com a civilização atlante, apenas para firmar sua antiguidade.

Em artigo de autoria do mergulhador, escritor e historiador Elísio Gomes Filho, publicado no site Portal Militar ([www.europa1939.com/documentos/index.html](http://www.europa1939.com/documentos/index.html)), lemos o seguinte:

A suástica é encontrada, dos índios Hopi, aos Astecas, Celtas, Budistas, Gregos, Hindus etc. As suásticas Budista e Hopi parecem reflexos no espelho do símbolo nazista. Alguns autores acreditam que a suástica tem um valor especial para ser encontrada em muitas culturas sem contatos umas com as outras. Os símbolos a que chamamos suástica são muitas vezes bastante distintos. Vários desenhos de suásticas usam figuras com três linhas. Outras, chamadas suásticas, consistem de cruzes com linhas curvas. Os símbolos islâmicos e malteses parecem mais hélices do que suásticas. A chamada suástica celta dificilmente se assemelha a uma, mas seria uma forma secundária, como tais são outras.

Também é encontrada em localidades mais distantes como a China, por exemplo, onde simboliza o número 10.000, a totalidade dos seres e da manifestação. É o símbolo da "forma primitiva do caráter fang, que indica as quatro direções do espaço". Por causa de sua relação com assuntos espirituais, a suástica pode ser considerada como uma espécie de símbolo substituto da roda na iconografia hindu e é o emblema da divindade Ganesha, o deus-elefante, que é um deus do conhecimento e do princípio supremo.

E nem mesmo precisamos ir muito longe para encontrarmos outras utilizações para a suástica. Entre os maçons, por exemplo, há ideias vigentes que usam tal cruz como a estrela polar e seus quatro braços como as quatro posições cardeais da Ursa Maior.

Basta dar uma olhada em qualquer sistema de busca de Internet para encontrar a famosa imagem da Sociedade Thule, uma influência esotérica do nazismo, e ver que seu emblema incluía as imagens de uma adaga e de uma cruz suástica curva. Esta forma é a mais adotada no país basco, que "evoca com especial nitidez a figura da espiral dupla".

# ANTIGOS MONUMENTOS

O termo "suástica" é derivado da palavra sânscrita svasti, que significa boa fortuna ou tudo está bem. Nigel Pennick, em seu livro *As Ciências Secretas de Hitler*, afirma que o termo não era muito utilizado na língua inglesa antes de 1900, sendo preferidos os nomes heráldicos Fylfot ou Gammadion, de onde aparece a denominação "gamada". Mesmo na forma curvada, como no logotipo da Sociedade Thule, a cruz era chamada Tetraskele. O termo "suástica" só apareceria naquela língua (grafado como Swastica, em que, por vezes, era grafado com um v e não com um w) por meio de um representante teosófico vindo da Índia.

Apesar de ser facilmente encontrada em antigos monumentos numa quantidade impressionante de países (Grécia, Chipre, Itália, Espanha, Portugal, França, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Irlanda e Escandinávia, entre outros), foi somente a partir do final do século XIX que o assunto se tornou comum. Afirma Pennick sobre a suástica:

Sua natureza oculta era evidente desde o início, e muitos movimentos religiosos ou esotéricos adotaram-na. Entre estes, podemos mencionar a pré-nazista Novos Templários, a Sociedade Thule, a Sociedade Teosófica e a Sociedade Vril. Um obscuro grupo ocultista ligado à última czarina da Rússia também usava o símbolo.

Há, como não poderia deixar de ser, uma corrente histórica que contradiz o papel das chamadas sociedades secretas como as verdadeiras introdutoras do símbolo na Europa. Para estes, a cruz gamada chegou ao continente por obra dos cruzados germânicos no tempo do reinado de Leopoldo 111, o Santo (1095-1136), e foram estes quem a trouxeram para o coração da Europa diretamente do Oriente Médio. Desde cedo, a cruz foi ligada aos arianos que, segundo depoimentos da época, era "o povo que invadiu a Índia em tempos imemoriais", um sinal de distinção de casta.

Já outro estudo, de 1933, sugere que a suástica migrou da Índia, cruzou a Pérsia e a Ásia Menor até a Grécia para depois seguir para a Itália e, de lá, entrou na Alemanha, no primeiro milênio antes de Cristo. Esta teoria veio de ninguém menos que o famoso arqueólogo alemão Heinrich Schliemann, o descobridor de Tróia. Entre 1871 e 1875, quando escavava sua famosa descoberta, encontrou artefatos com suásticas, que ele associou rapidamente a alguns símbolos iguais vistos nas proximidades do Rio Oder, na Alemanha. Algum tempo depois, Steven Heller, diretor de arte do The New York Times Book Review, escreveu um artigo no qual dizia:

Schliemann presumiu que a suástica era um símbolo religioso de seus ancestrais alemães, que ligava os antigos teutões, a Grécia de Homero e a Índia védica.

Porém, como já falamos no começo deste trabalho, a suástica só atingiria sua plena divulgação por obra e graça dos estudos dos teosofistas e das ideias de Madame Blavatski. Até Rudyard Kipling, o autor britânico de Os Livros da Selva (de onde surgiu Mogli, o Menino-Lobo), teria combinado a suástica com sua assinatura num círculo como um logo pessoal. Afinal, havia nascido na Índia...

E para aqueles que pensam que a América esteve livre de adotar o símbolo, é melhor pensar mais. O exemplo mais absurdo de adoção da suástica foi nos Estados Unidos, onde a Coca-Cola lançou um pingente de suástica, a cerveja Carlsberg gravou suásticas em suas garrafas e até os membros da 45ª Divisão de Infantaria americana, durante a 1ª Guerra Mundial, chegaram a usar uma suástica laranja como emblema no ombro. Isso sem falar da publicação de uma revista chamada The Swastika e a existência de um emblema que era distribuído pelos escoteiros até 1940. Parecia até que o símbolo se transformara numa mania mundial.

Há uma outra polêmica sobre a questão do lado para o qual os braços da suástica correm. Para a direita ou para a esquerda, qual seria o lado que



traria boa sorte? Os primeiros teosofistas, que chamaram tanta atenção para o fato de que seria um símbolo ariano, não sabiam responder corretamente a questão. Nigel Pennick relatou ter visitado alguns templos hindus que mostravam a suástica com forma e direção tradicionais, ou seja, idênticas às que eram utilizadas por Hitler. Esta seria, para os adeptos daquela religião, a forma correta do símbolo.

Porém, o Ocidente usou e abusou dessa discussão, como prova o seguinte trecho retirado de um artigo publicado originalmente na Revista Theosophical Review, em 1909:

Muitos leitores devem estar cientes de que existem diferenças de opinião quanto à direção que deve ser tomada pela cruz (...). Qualquer que seja a maneira considerada correta para desenhar o símbolo, o jeito contrário será encarado como oposto à ordem divina, e portanto inclinado para o mal em geral, e à magia negra em particular (...). Se a cruz estiver girando na direção oposta aos ponteiros do relógio, estará representada de forma apropriada (...). Até agora, muitos autores consideram este o melhor método para desenhar a suástica, sendo esta a maneira como foi desenhada em "A Doutrina Secreta".

Vale lembrar, para o leitor menos atento, que A Doutrina Secreta é a "bíblia" da Teosofia.

O fato de as mais antigas suásticas datarem de 2.500 a 3.000 anos a.C. não parece contribuir muito para essa discussão. Por exemplo, afirma-se que a China teria adotado este símbolo quando o Budismo chegou da Índia e que seria usado até hoje pelo Falun Dafa, definido como "uma prática que tem melhorado a saúde e a paz interior de milhões de pessoas ao redor do mundo", também chamada de "prática de cultivo" (aqui "praticar" significa fazer exercícios e meditar para energizar o corpo, enquanto o "cultivo" diz respeito ao aprimoramento da mente e do coração por meio do estudo

cuidadoso de princípios universais baseados na verdade, benevolência e tolerância).

O emblema de tal prática é tido como uma miniatura do universo que possui sua própria forma de existência e processo de evolução. É composto por uma suástica maior no centro, em sinto anti-horário, e quatro suásticas menores em cima, em baixo, à direita e à esquerda da maior. Entre as suásticas menores, há símbolos como yin-yang. Enquanto as suásticas representam a Escola Buda e são consideradas símbolos de boa sorte, os símbolos yin-yang representam a Escola Tao.

Há uma explicação para o sentido da rotação: quando a suástica gira no sentido horário, ela automaticamente absorve energia do universo, no sentido de autossalvação de quem a usa. Ao girar no sentido anti-horário, ela emite energia, oferecendo a salvação ao próximo. Este símbolo representa, assim, o macro e o microcosmo.

Se levarmos tudo isso em conta, seria possível dissociar a má impressão causada pela associação do símbolo com o nazismo? Há um registro que indica que muitas variações deste símbolo foram utilizadas pelos alemães durante a II Guerra Mundial. A seguir, citamos apenas algumas:

| Variação                                                                                                      | Utilização                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Suástica preta, com giro de 45°, sobre disco branco                                                           | Símbolo usado pelo NSDAP e bandeiras nacionais                           |
| Suástica preta, com giro de 45°, sobre um quadrado branco                                                     | Juventude Hitlerista                                                     |
| Suástica preta, com giro de 45°, sobre fundo branco                                                           | Cauda das aeronaves da Luftwaffe                                         |
| Suástica preta, com giro de 45°, sobre desenho de linhas brancas e pretas finas contornando um círculo branco | Bandeira pessoal de Hitler, com uma grinalda de ouro que cerca o símbolo |
| Suástica de braços externos curvos, formando um círculo interrompido                                          | Divisão Nórdica das SS                                                   |

Fonte: Wikipédia.

# O I REICH ALEMÃO

Outro ponto que precisa ficar bem claro para o leitor é a política de expansão territorial que Hitler colocaria em prática pouco antes de iniciar a II Guerra Mundial. A anexação de territórios como a Áustria, o Sarre (um dos 16 Estados federados da Alemanha, no sudoeste do país, cujos veios minerais os franceses exploraram por 15 anos), a Tchecoslováquia e a própria Polônia, esta última o pivô do conflito, transformou a então Alemanha, um país que lutava para se ver unificado, no III Reich, ou seja, na Alemanha Nazista como a conhecemos hoje.

Todos sabem que o III Reich foi a dominação nazista. Mas quais foram os dois Reichs anteriores?

Antes de mais nada, precisamos definir o significado do termo. Reich, em alemão, significa reino ou império e, de fato, foi usado em duas outras ocasiões. O 1 Reich, o de maior duração, foi o Sacro Império Romano-Germânico (cuja duração foi do século VIII d.C. até 1806), também conhecido como Santo Império Romano da Nação Germânica (em alemão, Heiliges Römisches Reich Deutscher Nation e em latim, Sacrum Romanorum Imperium Nationis Germanic(e)). Seu território ocupava a chamada Francia Oriental, que abrangia os atuais países da Alemanha, Bélgica, Países Baixos e Áustria. Obteve expansão em 870 (com a anexação do reino da Lotaríngia, estreita faixa de terra ao longo dos rios Reno e Ródano), em 1014 (com a anexação de alguns reinos da Itália atual), e em 1033, com o reino da Borgonha. Em seu apogeu, ele tinha um vasto território que incluía Alemanha, Áustria, Suíça, Liechtenstein, Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, República Checa, Eslovênia, a região leste da França, o norte da Itália e o oeste da Polônia. Como podemos perceber, era mesmo uma grande faixa de terra.

É considerado por diversos historiadores como uma potência que apresentou, ao longo de sua existência, uma unidade fraca, pois era

dividida em territórios regidos por vários príncipes, eclesiásticos, prelados, condes e cavaleiros imperiais. Havia até mesmo cidades-livres, o que o tornava bem menos coeso politicamente do que as demais nações que estavam ao seu redor.

Seus soberanos não eram considerados como kaisers (palavra que vem do latim e representa o nome de Julio César, o general romano assassinado em 44 a.C.) até que o papa os tivesse coroado oficialmente. Esse agrupamento de terras surgiu na Idade Média e foi constantemente atacado, até ser dissolvido por Napoleão Bonaparte em 1806. Sua soberania foi reconhecida em diversas épocas e ocasiões por príncipes de países como a Dinamarca, a Hungria e a Polônia.

Apenas a partir de meados do século XV é que passou a ser conhecido como Sacro Império Romano da Nação Germânica. O termo romano veio dos esforços do herdeiro do Império do Ocidente dos Carolíngios, que desapareceu em 924, que tencionava restaurar o império romano. Já o sacro vem das fortes conexões religiosas que existiam por causa da religião católica numa época anterior à Reforma.

Vale lembrar, entretanto, que este Império nunca foi uma nação como entendemos hoje, sendo mais uma confederação. Foi o Reich que mais durou, mas o que menos importância como país unificado teve.

## O II REICH ALEMÃO

Para entender o que significou o II Reich alemão, precisamos compreender que o conceito da Alemanha como a conhecemos hoje é algo moderno. O espaço territorial alemão, que havia em meados do século XIX, era formado por vários e diferentes reinos, ducados e cidades-livres. A principal influência vinha da Áustria e da Prússia, as duas principais potências de língua e origem alemã. A ligação da Prússia com os famosos Cavaleiros Teutônicos era motivo de orgulho para os germânicos e terminaria por se

constituir na maior unidade territorial e administrativa dentro da República de Weimar (período em que o presidente dividia o poder com um chanceler) e do III Reich, entre 1871 a 1945.

Em plena era contemporânea, aquele espaço ainda vivia em regime feudal. Foi quando o desejo de unificação começou a se espalhar pelas pessoas que falavam a mesma língua e tinham a mesma base cultural.

No começo do século XIX, esse desejo de unidade já impregnava os meios acadêmicos e literários. Uma tentativa anterior, em 1808, havia fracassado e o nacionalismo alemão ficou dormente até 1848, quando várias revoluções ocorreram na Europa, como a Revolução de 1848, quando diversos Estados alemães revoltaram-se e causaram manifestações populares que visavam apoiar um movimento a favor de um parlamento nacional eleito pelo povo para a elaboração de uma Constituição para a Alemanha unificada.

Essa revolução deixaria um caminho a ser seguido para se obter a unificação tão desejada, mas não por meios bélicos, mas sim pela intervenção dos Hohenzollern, a dinastia reinante prussiana.

Surgiu, então, a figura principal pela criação do II Reich, Otto von Bismarck, que já havia sido embaixador na Rússia e na França e que se tornou chanceler numa época em que a unificação já começava a ser mais real. Ele criou uma política de guerras contra inimigos externos e contra a ocupação das regiões alemãs, o que resultou na expansão do território prussiano e, depois, germânico. Em oito anos (entre 1864 e 1871), foram travadas três grandes guerras que visavam a unificação dos germânicos: A Guerra dos Ducados (em 1864), a Guerra Austro-Prussiana (em 1866) e a Guerra Franco-Prussiana (em 1870/71).

Assim, a unificação alemã aconteceu em janeiro de 1871, quando Guilherme 1 foi coroado como o primeiro Kaiser do Império Alemão,

nascendo, desta forma, o II Reich. Esta coroação aconteceria no Palácio de Versailles, num gesto de humilhação aos franceses, vencidos na guerra Franco-Prussiana, o que só provocou um sentimento de revanchismo por parte deles (lembremos de que lá foi assinado o Tratado de rendição da Alemanha na 1ª Guerra Mundial). Logo, a Alemanha apresentava um crescimento maior que o da Inglaterra e tornou-se uma grande potência européia.

O II Reich durou até 1919, após a 1ª Guerra Mundial, quando o kaiser Guilherme II foi deposto e a República de Weimar começou. O tempo todo o poder esteve nas mãos da dinastia prussiana dos Hohenzollern.

# CAPÍTULO 6

# A PROPAGANDA NAZISTA

C

om a chegada dos nazistas ao poder, em 1933, Hitler começou quase que imediatamente a mostrar a que veio, uma vez que muitos de seus planos mais ousados começaram a entrar em prática nessa época. Afinal, agora que ele havia chegado ao poder de maneira legal, não pretendia largar sua conquista de maneira nenhuma.

Um fato misterioso aconteceu em 27 de fevereiro daquele ano quando um incêndio criminoso tomou de surpresa o Reichstag. Mal o fato sucedera e os nazistas já o aproveitavam para culpar os comunistas do ato criminoso, a fim de acusá-los de uma insurreição contra o governo e, assim, decretar a suspensão das liberdades social e pessoal. Um golpe ousado para provocar um controle maior sobre a população, sem dúvida.

Como eles podem ter conseguido tal feito? Havia um bode expiatório, claro: o fato de ter sido visto um jovem holandês comunista no local chamado Marius van der Lubbe. O suposto culpado foi preso e decapitado dois anos depois como autor do crime. Numa análise feita pela maioria dos historiadores deste período, tudo não teria passado de uma armação para justificar a implantação da ditadura alemã conduzida por Hitler. Porém, todos eles concordam num ponto: o incêndio do Parlamento foi mesmo o primeiro passo para o III Reich. E foi este episódio usado como desculpa para prender adversários políticos, pressionar e depois proibir os veículos



de imprensa que se mostravam contra os nazistas e legalizar as SA.

E ninguém jamais desconfiou (ou se o fez, jamais se pronunciou a este respeito) de que os verdadeiros culpados pelo incêndio teriam sido os próprios nazistas.

Esse é apenas um exemplo do poder que a propaganda nazista teve nesse período. Veremos mais alguns adiante, neste capítulo, mas antes terminaremos o panorama histórico dessa época e veremos como os propagandistas de Hitler usavam e manipulavam a opinião pública a seu favor de maneiras, muitas vezes, desonestas.

Em 23 de março daquele mesmo ano, chegou o chamado Ato de Autorização, pelo qual Hitler recebia plenos poderes para decretar leis sem a necessidade de aprovação por parte do parlamento. Um detalhe: tal lei só foi aprovada depois de a maioria da bancada comunista ter sido presa ou perseguida e as SA, já legalizadas, cercarem o prédio do Reichstag e gritarem a frase "ou a lei ou a morte".

O problema é que já era tarde demais para haver qualquer tipo de resistência contra os nazistas. Sindicatos e partidos políticos foram inicialmente perseguidos e depois extintos. Até o exército terminou se rendendo aos novos governantes e homens-chave nazistas foram indicados para postos de controle. Promessas de rearmamento da nação (item proibido desde que o Tratado de Versailles começou a vigorar) foram feitas pelos seguidores do agora ditador. Logo havia certa união em torno de uma única ideologia, a da unificação dos povos germânicos ou, como gostavam de ser chamados, os "arianos".

Nos meses que se seguiram, um novo problema surgiu para Hitler. As SA, com seu excesso de poder e de independência, começaram a incomodar os novos aliados do exército e Ernst Rõhm, seu líder, já comandava o equivalente a dois milhões de homens. O ditador, de olho na eminente

morte do presidente Hindenburg, que estava doente, cogitou então assumir também o cargo deste. Em 30 de junho de 1934, o problema com Rõlm foi "resolvido" no episódio conhecido como A Noite das Adagas (também chamado de Noite dos Longos Punhais), em que os principais dirigentes das SA foram presos e assassinados. Rõlm não sobreviveu ao movimento e foi uma das vítimas de uma ação que a propaganda nazista brilhantemente mascarou como "necessária para impedir um golpe de Estado".

Quando Hindenburg morreu em 1º de agosto, Hitler tornou-se presidente no dia seguinte. O próximo passo foi a "sugestão" de que o título de Führer (líder, em alemão) fosse-lhe outorgado. O poder absoluto estava em suas mãos e, como veremos mais adiante, a máxima "o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente" nunca seria mais verdadeira do que nesse caso.

Como o próprio Hitler disse, em Minha Luta, Capítulo V, Volume II, intitulado "Concepção do Mundo e Organização":

Os partidos políticos estão sempre prontos a assumir compromissos, ao contrário do que acontece com as concepções universais. Aquelas entram em acordo com os seus adversários, essas proclamam-se infalíveis.

Os partidos políticos, de começo, também acariciam a esperança de exercer uma autoridade despótica. Eles sempre apresentam ligeiros traços de uma concepção mundial. A estreiteza de seus programas priva-os do heroísmo que uma doutrina universal exige. A capacidade de conciliar atrai para seu seio os espíritos fracos e com esses nenhuma verdadeira cruzada pode ser levada a efeito. Assim ficam desde cedo reduzidos às suas mesquinhas proporções. Por isso, não tentam a luta por uma renovação de concepções, mas, em vez disso, por uma "colaboração positiva, visam apenas

conquistar um lugarzinho na gamela das comidas e aí permanecer por muito tempo. Nisso consiste todo o seu esforço (...).

Logo que essa campanha demolidora, cujo perigo por todos será imediatamente reconhecido, encontrando por isso resistência geral, inicia também sua ação positiva, destinada a assegurar o êxito das novas ideias, então fazem-se necessários lutadores resolutos. Um tal movimento só levará à vitória seus ideais se ao mesmo se unirem os mais corajosos e mais eficientes elementos do momento, em uma organização com capacidade para a luta. Para isso é, porém, indispensável que essa organização, tomando em consideração esses elementos, escolha certas ideias e lhes dê uma forma que, de maneira precisa e incisiva, seja a apropriada a servir de dogma à nova sociedade.

Enquanto o programa de um novo partido político consiste apenas em uma receita para o triunfo nas eleições, o programa de uma nova doutrina deve se traduzir na fórmula de uma declaração de guerra contra uma ordem de coisas existente, em uma palavra, contra as atuais maneiras de compreender o mundo.

## A PROPAGANDA

Podemos observar, pelos fatos narrados anteriormente, que a opinião pública foi facilmente conquistada por meio de uma manipulação da propaganda, um recurso que Hitler usaria constantemente até o final da II Guerra Mundial para poder atingir seus objetivos e ter o apoio incondicional da população alemã. Há trabalhos acadêmicos, como o de Vulmeron Borges Marçal Neto (A Propaganda Nazista - seus Instrumentos e Estratégias, USP, 2003), que ressaltam essa posição, essencial para que o Führer chegasse à líder supremo:

A relação que Hitler estabeleceu entre os judeus e sua participação no Tratado (de Versailles) teria, nessa ocasião, "roubado armas à

nação" (a historiadora Célia). Szniter comenta: "vemos presente seu grande e eficaz ardil, frequente em suas afirmações. Uma grande mentira é formulada com uma ponta mínima de verdade, tornando sua negação ou a possível defesa do acusado estéril ou quase inverossímil, um indício de correspondência com a realidade é o bastante, descrevendo o que se torna 'toda a verdade'. Aqui observamos que grande parte da argumentação da propaganda nazista lastreou-se em pequenos pontos ampliados, expandidos e reproduzidos incansavelmente em uma linguagem básica, como forma de atingir a massa e obter sua aprovação e seu desempenho na luta por suas causas. "

Essa preocupação do Führer não apareceu da noite para o dia. Se lembrarmos do que vimos nos capítulos anteriores, notaremos que ele sempre teve vontade de ser um pintor e que assistia a óperas de Richard Wagner, de quem se declarava fã e admirador, com certa frequência. Estes fatores foram os responsáveis pela sua escolha para tarefas de cunho propagandístico no período entre guerras. Afinal, para poder neutralizar a ação dos comunistas e conquistar a simpatia dos soldados (sua missão que o levou a se infiltrar no DAP originalmente), ele precisava ser uma pessoa que entendesse destes mecanismos e soubesse como colocá-los em prática. Junta-se ao fato de que suas leituras expandiam sua mente a ponto de querer colocar esses ensinamentos na prática. Por isso, precisaria experimentar. E que melhor oportunidade do que dentro do partido para o qual havia sido enviado para espionar?

Vale ressaltar que a corrente esotérica fala do carisma "sobrenatural" de Hitler com certa frequência, além de afirmar que ele só teria tal poder de atração se estivesse envolvido com forças ocultas. Mas simplesmente ignoram o fato de que, como já dissemos, ele tomara algumas aulas de teatro e usava certas imposições e posturas junto a seus dons naturais de oratória, que estavam em pleno desenvolvimento. Assim, não há nada de sobrenatural em seus discursos, mas sim cada movimento era calculado

nos mínimos detalhes. E a manipulação da verdade por meio da propaganda nazista era essencial para obter esse sucesso.

## O *VÖLKISCH*

A figura de Dietrich Eckhart, um dos participantes do putsch da cervejaria, foi essencial para a disseminação do chamado movimento popular ou, em alemão, *völkisch*. Lembremos de que seu semanário, que custeou com a fortuna de sua família, difundia ideias pangermanistas e antissemitas. Seu jornal alcançou na época a incrível tiragem de 30 mil exemplares e era consumido por uma grande parcela da população, incluindo Hitler, sendo que ele próprio ajudava a disseminar boa parte das ideias que eram lá difundidas. As matérias traziam uma mistura bizarra de ideário político nacionalista, cartilha de aconselhamento filosófico, enciclopédia de conhecimento supostamente científico e certas linhas que enalteciam o "conjunto de valores culturais puramente germânicos". Um detalhe importante, e que aparentemente passou despercebido na época, era o contexto místico-ocultista que havia nesses textos. Para ter uma ideia, uma ilustração de um desses números traz uma imagem em que uma mulher e um casal de crianças observam Jesus numa estranha cruz, cujo topo se fecha formando um triângulo. A legenda traz a seguinte frase: "Jesus morreu na cruz por causa dos judeus".

Como esse movimento pode ter encontrado tantos adeptos? Lembremos, pelo que vimos no capítulo anterior, que a Alemanha, como país unificado, não existiu a não ser a partir do último quarto do século XIX, sob o domínio político da Prússia. Foi a partir de 1848 que as várias revoluções (também citadas no capítulo anterior) começaram, para que resultassem na unificação tão almejada pelos germânicos. Assim, essa ideia de "todos sob uma mesma bandeira", guardadas as devidas proporções, aconteceu em outros lugares, como na própria Itália, que demorou para se tornar um país unido. E os judeus estavam naquela época tão dispersos quanto os germânicos, tendo desta forma, quase uma posição de "inimigos naturais",

uma posição de "gato e rato" que já era explorada muito antes de Hitler tornar essas ideias um atrativo para os demais alemães.

Assim, para Eckhart e outros participantes do movimento völkisch, a dispersão dos alemães depois do término da 1 Guerra Mundial era um fato que atrasaria, em muito, a conquista da posição que tanto almejavam e o surgimento da tão sonhada nação alemã (ou melhor, da nação germânica). Assim, a ligação terrasangue, popularizada pelos völkisch, ganharia adeptos dentro e fora do mundo esotérico, que buscariam a fórmula da raça perfeita para expiar as "injustiças" pelas quais os alemães passavam.

## COMÍCIOS E JOGOS OLÍMPICOS

A Alemanha sob o controle de Hitler tinha apenas uma única preocupação: ganhar constantemente apoio para as ações dos nazistas. Assim, era comum que circulassem na época cartazes e filmes, feitos para as telas dos cinemas, que mostrassem como o poder das tropas da suástica conseguiria a derrota iminente dos inimigos ou a garantia da segurança, tão rara para os alemães daquele tempo desde o começo da 1 Guerra Mundial.

Um exemplo interessante de filme feito por nazistas, e que pode ser encontrado em DVD, é O Triunfo da Vontade, dirigido por Leni Riefenstahl, disponível pela Continental Vídeo. O filme registra o congresso nazista de 1934, realizado em Nuremberg (que seria palco dos julgamentos dos criminosos nazistas após o término da II Guerra Mundial), e mostra um Hitler que desembarca de um bimotor todo sorridente e ovacionado pela multidão.

Os cenários impressionam até hoje, pois é possível ver paradas e desfiles de grande porte, que dificilmente se veriam hoje em qualquer país. O tom preto e branco do documentário só ressalta o ambiente terrível que conquistara as massas alemãs. O filme é um símbolo do III Reich e é analisado até hoje.

Leni Riefenstahl era a cineasta oficial do partido nazista, mas nunca se filiou. Ela se destacou como atriz nos anos 1920 e era bailarina e diretora, além de saber editar, produzir e escrever roteiros. Trabalhava especificamente em filmes sobre a natureza, um gênero extremamente popular no período, "onde se glorificavam o vigor físico na prática do montanhismo e a beleza do corpo e da natureza, símbolos intensamente apropriados pelo ideário nazista na promoção do nacionalismo", conforme descrevem alguns textos da época. Um fato curioso e pelo qual as mulheres podem sentir certo orgulho reservado.

Satisfeito com o resultado, Hitler ainda a convocaria para registrar os jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, a cidade natal da cineasta. Aqueles Jogos teriam uma importância especial para Hitler, que queria mostrar na prática a superioridade ariana. O filme de Leni foi todo preparado para ressaltar esse lado e ela teve a seu dispor todos os recursos técnicos possíveis para poder registrar a beleza e o vigor do corpo humano.

Hitler gastou o equivalente a 30 milhões de dólares para preparar seus jogos, que tiveram uma cobertura ampla. A Alemanha terminaria a competição com 32 medalhas contra 24 dos Estados Unidos. O pior veio quando um atleta negro norte-americano, Jesse Owens, destacou-se no atletismo e conquistou quatro medalhas de ouro. Hitler, numa demonstração clássica de racismo, se recusou a entregar-lhe as medalhas. Curiosamente, os demais atletas alemães não seguiram o exemplo do Führer e um deles, inclusive, cumprimentou Owens por sua conquista. Contudo, esta notícia terminou por ser vetada pelo então ministro da propaganda, Joseph Goebbels.

Essa competição foi outro ponto importante na carreira de Leni, mas serviu também para marcá-la como uma "nazista em potencial". Sua carreira terminou por se virar contra ela em 1945, quando os aliados a prenderam e a acusaram de fazer propaganda nazista. Só seria inocentada em 1952, quando voltou a suas atividades no campo jornalístico. Depois disso,

preocupada com o fato de que não conseguia desvencilhar sua imagem do nazismo, foi para a África, onde produziu documentários fotográficos considerados pelos especialistas de muito bom gosto sobre a vida selvagem. Com mais de 90 anos de idade, ela ainda trabalhava como fotógrafa submarina, ao lado de seu marido, que era um mergulhador muito mais jovem que ela. Teve uma fama merecida no começo da década de 1990, quando seu trabalho foi mostrado em especiais exibidos no Brasil por canais por assinatura.

## JOSEPH GOEBBELS

A figura-chave na criação de material de propaganda antissemita e pró-nazista foi mesmo Goebbels, um dos mais ferrenhos defensores de Hitler. Paul Joseph Goebbels, nascido em Mönchengladbach, cidade localizada no Estado da Renânia do Norte-Vestfália, próxima à fronteira da Alemanha com a Holanda, em 1897, foi um dos nazistas com grandes dotes retóricos e um dos poucos do alto escalão com nível superior de estudo. Seu pai era um contador nascido numa família católica, que sempre quis que o filho fosse padre quando crescesse.

Em vez de satisfazer o pai, Goebbels decidiu seguir estudos em literatura e filosofia. Também era dono de um nacionalismo quase fanático, a ponto de só não ter cumprido serviço militar na 1 Guerra Mundial por ter pé chato. Depois do fim do primeiro conflito, teve por uma espécie de crise existencial, tornando-se comunista por algum tempo e passando depois, à posição de um dos milhares de alemães que esperavam pela eclosão de uma revolução que salvasse o país da "difícil situação social" em que se achava.

Apesar do diploma universitário, ficou por muito tempo desempregado. Rejeitava o capitalismo e desprezava a modernidade, tornando-se antissemita fanático a ponto de rejeitar uma moça com quem namorava quando soube que a mãe dela era judia. Culpava os judeus pela tristeza da



crise econômica e política que o país atravessava.

Aliou-se aos nazistas em 1922, inicialmente contra Hitler, depois passando para o lado dele. O primeiro homem a usar a expressão "heil Hitler" começou como secretário pessoal de Gregor Strasser na zona da Renânia e Vestfália. Tornou-se um dos editores do jornal de propaganda nazista Die Nationalsozialistischen Briefe, fazendo da propaganda sua carreira até a chegada de Hitler ao poder, em 1933. Fazia muitas tiras para jornais onde acusava e difamava os judeus sem piedade.

Seu estilo de linguagem, considerado "comunista", garantiu-lhe a simpatia dos nazistas, que viam suas críticas aos inimigos como diretas demais. Logo depois de ficar conhecido na Renânia, uma zona alemã onde os católicos são a maioria, Goebbels foi incumbido por Hitler de dirigir a propaganda em Berlim, área predominantemente protestante e de influência comunista. O movimento nazista ainda não era forte por lá e o partido contava com os dons de Goebbels para conseguir isso.

Uma vez instalado no bairro proletário de Wedding, alugou uma larga sala e audiências normalmente utilizada pelos comunistas. Usou placas que anunciavam encontros com o mesmo estilo e palavras usadas normalmente pelos comunistas. Quando o comício finalmente aconteceu, em 11 de fevereiro de 1927, os comunistas não tardaram para se manifestar contra o método usado e críticas duras apareceram nos jornais do dia seguinte.

Depois disso, o caminho de Goebbels estava livre. Tornou-se editor do jornal Der Angriff (cujo nome significa O Ataque), um jornal propagandista nazista com conteúdo, claro, antissemita. E daí para frente se tornou aquele que seria o principal responsável pela propaganda nazista em todas as suas formas.

Algumas de suas frases famosas, e que são repetidas até hoje, além da máxima "uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade", incluem:

- Conquistei esta cidade aos vermelhos e irei defendê-la dos vermelhos até o último fôlego - no bünker de Hitler, em Berlim, já quando o exército soviético entrava na cidade;
- Este homem é perigoso, ele acredita no que diz - sobre Hitler;
- Tal é nossa tarefa como Nacional-Socialistas. Nós fomos os primeiros a reconhecer as conexões, e os primeiros a começar a luta. Porque somos socialistas, sentimos primeiro as maiores bênçãos da nação e porque somos nacionalistas quisemos promover a justiça socialista na nova Alemanha - retirado de Die verfluchten Hakenkreuzler. Etwas zum Nachdenken (1932).

Quem teve a oportunidade de assistir ao excelente filme A Queda - as últimas Horas de Hitler, de Olivier Hirschbiegel, disponível em DVD pela Europa Vídeo, deve se lembrar da figura esguia de Goebbels, que não largava seu Führer nem mesmo quando estavam todos acuados no esconderijo embaixo de Berlim. Foi ele que, junto à esposa, levou seus seis filhos para o local e matou-os um a um com cápsulas de cianureto. Depois, com a ajuda de guarda-costas das SS, cometeram suicídio. Hitler, em seu testamento político, nomeava Goebbels como Chanceler da Alemanha e Karl Dönitz, comandante da marinha alemã, como Führer.

## MATERIAL DE PROPAGANDA

A maior parte das campanhas publicitárias estava sob o controle do Ministério da Conscientização Pública e Propaganda, pelo qual Goebbels era encarregado, controlando-o desde a ascensão de Hitler em 1933. Um dos primeiros atos de controle dos meios de comunicação foi a exigência para que jornalistas, escritores e artistas se registrassem numa das câmaras subordinadas ao Ministério, em uma das categorias seguintes: imprensa, artes, música, teatro, cinema, literatura ou rádio.

Para os nazistas, a propaganda era vital para atingir seus objetivos de

preparação para a guerra. Hitler sempre foi impressionado com o poder da propaganda desde a 1ª Guerra Mundial e também a culpava pelo colapso moral no front alemão, em 1918. Assim, ele e Goebbels encontravam-se quase todos os dias para discutir notícias, ocasião em que o Ministro pegava as opiniões do Führer para repassá-las aos executivos do Ministério, gerando assim a linha oficial do partido sobre os principais eventos mundiais.

O controle sobre os meios de comunicação era intenso. Os radialistas e jornalistas, por exemplo, precisavam necessariamente obter uma aprovação prévia antes que seus trabalhos fossem finalmente divulgados para o público. Um detalhe importante era a constatação por meio de registros históricos de que Hitler e outros alto-oficiais nazistas não tinham escrúpulos em espalhar propagandas falsas.

Alguns dos objetivos da propaganda nazista incluíam lembretes aos alemães de que o partido nazista fazia um esforço constante contra intervenções externas e internas de judeus. Além de também lembrar aos germânicos, presentes em países como Tchecoslováquia, Polônia, União Soviética e Países Baixos, de que os alemães preservavam seus laços consanguíneos e que os nazistas não tinham nada contra os inimigos potenciais como a França e a Grã-Bretanha, potências estas que tentavam fazer a guerra contra a Alemanha.

Até fevereiro de 1943, quando ocorreu a Batalha de Stalingrado, a propaganda alemã salientava o progresso alemão na guerra e o tratamento dado para os povos dos territórios ocupados. Aliados eram descritos como "assassinos covardes" e os norte-americanos, em especial, eram "bandidos como Al Capone". Depois desse período, o tema mudou e a Alemanha passou a ser a "única defensora da Cultura ocidental Européia contra as hordas bolchevistas".

Há uma lista grande de filmes feitos na época e que foram salvos e

conservados como material histórico, além de reproduções de pôsteres e até livros, que são mantidos longe do grande público para que não caiam nas mãos de neonazistas modernos.